

**Menno Simons-
sua vida e
escritos**

H. S. Bender

John Horsch

Versão português:

Carlos Neyra

www.elcristianismoprimitivo.com

Contenido

Introdução.....	iii
Prólogo.....	v
O sacerdote católico.....	1
Conversão e renúncia ao catolicismo.....	15
Atividades na Holanda.....	25
Atividades no noroeste da Alemanha	30
Atividades em Holstein.....	35
A importância de Menno Simons.....	49
Resumo dos escritos de Menno Simons sobre a doutrina Cristã	52
1. A Autoridade das Escrituras.....	52
2. A Trindade de Deus.....	53
3. Cristo, Sua Divindade e Humanidade.....	54
4. A Encarnação.....	56
5. O Espírito Santo.....	57
6. O Pecado.....	58
7. A Expição.....	59
8. Arrependimento.....	61
9. Fé.....	62
10. Justificação pela Fé.....	64
11. Regeneração.....	65
12. A Santidade da Vida.....	67
13. A Igreja.....	69
14. Separação do Mundo.....	71
15. Fraternidade Verdadeira.....	72

16. As Ordenanças.....	74
17. Batismo.....	75
18. A importância do Batismo.....	77
19. Batismo Infantil.....	77
20. Salvação das crianças.....	80
21. O Erro da Regeneração Batismal.....	81
22. A Ceia do Senhor. (Santa Ceia).....	81
23. Disciplina.....	82
24. Arrependimento no caso de Pecado Secreto.....	83
25. Chamada Missionária da Igreja.....	84
26. Não Resistência.....	85
27. Juramentos.....	88
28. Pena Capital.....	89
29. Não conformidade com o Mundo.....	90
30. Liberdade de Consciência.....	91
31. Predestinação.....	94
32. Aperfeiçoamento.....	94
33. Novas Revelações.....	96
34. Educação Superior.....	96
35. Anti Ocultamento.....	97
36. Atitude para com outras Denominações.....	97
37. Exemplos de consagração ao serviço do Senhor.....	98
38. Trabalhando sob Dificuldades.....	100
39. Perseguição.....	102
40. Uma oração de Menno Simons.....	105
Um pouco de história.....	107
Lista cronológica dos escritos de Menno Simons.....	109

Introdução

Menno Simons converteu-se ao movimento “Anabatista” em 1536. Viajou por todo o Noroeste da Europa animando e apoiando aos perseguidos, por meio da pregação, bem como escrevendo tratados que defendiam a fé e estilo de vida que aqueles, que haviam abraçado a nova fé, levavam. Ainda sendo um sacerdote católico no princípio, Menno Simons se encontra fazendo perguntas a si próprio como nunca o havia feito antes. Foram três as razões da sua conversão ao “protestantismo”: A transubstanciação (conversão do pão no corpo de Cristo), o anabatismo (o segundo batismo), e o testemunho pessoal de seu irmão. Menno Simons escreveu quase duas dúzias de livros e, folhetos que foram de grande ajuda para a dispersa e as vezes confundida irmandade.

Se bem que, dizem muitos dos historiadores, Menno Simons não foi um grande teólogo, nem um grande escritor, nem um grande organizador, porém, foi um líder que pregou a Bíblia de forma autoritária e com clareza. Muito se pode dizer quanto ao valor destes escritos nesta época em relação ao protagonista e ao escritor. A relação do que se traduziu do holandês para o inglês e em seguida para o espanhol, estes fatores fazem com que o livro seja o que é, um livro de riqueza espiritual e histórica.

Se temos que destacar que a ênfase da igreja no mundo da tinta e do papel hoje é diferente, as estatísticas são mais destacadas do que o esforço individual. Mas este livro nos faz refletir, que apesar de que hoje em dia não sejam mencionados líderes como Menno Simons, não se descartam a sua existência e o presente será a testemunha da posteridade.

O quanto a igreja tem sido edificada por este exemplo é difícil dizer. A igreja continua crescendo graças a líderes que, como Menno Simons, fazem perguntas, reflexionam e “colocam a sua mão no arado” e este livro é parte desse testemunho.

Desde 1936, quando se traduziu o livro do inglês para o espanhol, a igreja Menonita hispânica tem crescido. Com este crescimento, foi trazido para o movimento “Anabatista”, iniciado no século XVI, uma nova dimensão que não pode e nem poderá ser ignorada. Se bem que a história se repete, se repete com modificações. Os protagonistas não são os mesmos e por tal razão a história não é a mesma. A única coisa que é idêntica, é a mensagem do “Evangelho de paz e salvação,” que comoveu a Menno Simons em 1536 e comove a líderes como ele hoje em dia.

Agradecemos a Carmen Palomeque pelo seu esmerado trabalho de tradução ao espanhol, a comissão encarregada do projeto de publicação e além de terem feito este livro uma realidade.

Arnoldo J. Casas

22 de novembro de 1978

Elkhart, Indiana

Prólogo

Este livro vem preencher uma real necessidade no seio da Igreja Menonita na Argentina, e da literatura evangélica em geral. Tem sido traduzido ao espanhol a pedido da Convenção da referida igreja na ocasião do XXV aniversário (janeiro, 1942) de seu estabelecimento no país.

Está destinado não somente aos membros das nossas igrejas, mas a todas aquelas pessoas que muitas vezes nos tem perguntado: “Quem são e em que crêem os Menonitas?” Para maior informação destes leitores em particular, incluiu-se um apêndice que consiste num breve resumo histórico dos Menonitas.

Além da biografia completa de Menno Simons, contém resumidamente os princípios sustentados pela Igreja Menonita expostos pelo seu organizador e baseados nas Sagradas Escrituras, ponto de partida do que cremos e praticamos.

As obras de Menno Simons tem sido traduzidas para o inglês na sua totalidade e compiladas em dois volumosos tomos, e deles foram extraídos os parágrafos que se insertaram nesta obra, ao pé de cada um dos quais se indica o tomo, a página e a coluna de onde foi extraído. De modo que: (I; 139b) significa que poderá encontrar-se o mesmo, em forma extensa, no tomo I, página 139, coluna b, da edição inglesa.

Convém advertir que os referidos escritos datam de 400 anos atrás e que ao produzir a versão para o inglês e em seguida para o espanhol, procurou-se conservar o estilo originário, sacrificando as vezes a forma com este propósito.

Por considerá-lo de interesse para a maioria, traçamos seguidamente em linhas gerais, a personalidade do autor desta biografia e de seu colaborador, respectivamente:

H.S. Bender Doutor em Teologia do Seminário Teológico de Princeton, e da Universidade de Heidelberg, Alemanha; atual diretor de “The Mennonite Quarterly Review”; Coordenador de Goshen College, Goshen, Indiana, E.U.A.; professor de História Européia, Teologia e Ciências Sociais do referido colégio.

John Horsch, tradutor de trechos do holandês para o inglês; Historiador e escritor; chegou aos Estados Unidos em 1888 procedente da Baviera, Alemanha. Desde 1890 tem publicado numerosas obras como editor e autor. Os títulos (em português) de alguns de seus livros são: “Os Menonitas, sua História, Fé e Práticas”, 1893; “História Abreviada do Cristianismo”, 1902; “Menno Simons, sua Vida, Obra e Ensinos”, 1916; “O Batismo de Crianças”, 1917; “O Liberalismo Religioso Moderno”, 1920; “O Princípio da Não-Resistência”, 1927; “História da Igreja Menonita Européia” que acabava de escrever quando lhe surpreendeu a morte em 1941.

Terminada a nossa missão, somente nos resta fazer chegar uma palavra de reconhecimento a todos quanto tem tornado possível o surgimento desta obra, prestando a sua colaboração espontânea e desinteressadamente no confronto com a versão inglesa, confecção do mapa que se insere, correções e consultas. A todos eles a nossa sincera gratidão.

E visto que o único motivo desta publicação é ser útil a tantos quanto a leiam, se isto ocorrer, então os esforços da Comissão de Publicações e da tradutora terão sido compensados.

Carmen Plomeque

1º de Abril de 1943.

CAPÍTULO I

O sacerdote católico

Em 1496, quatro anos depois do descobrimento da América, nasceu um menino numa família de aldeões holandeses que viviam no pequeno povoado de Witmarsum na província de Friesland ao noroeste da Europa continental.

O pai, cujo nome era Simón, chamou ao seu filho Menno; de acordo com o costume daquela época, ao menino chamavam Menno Simons (O filho de Simón). O povoado de Witmarsum está situado numa planície fértil, a meio caminho entre as cidades de Franeker e Bolsward, distante umas 10 milhas do Mar do Norte.

Bem cedo os pais de Menno Simons decidiram consagrar o seu filho ao serviço da Igreja, a Igreja Católica, e preparando-o para este serviço, confiaram-no a custódia do monastério mais próximo de seu lar, provavelmente o Monastério Franciscano de Bolsward. Devido a isto, consagrou-se durante longos anos aos exercícios espirituais requeridos para um monge e ao tradicional curso de estudos teológicos exigidos aos candidatos ao alto ofício de sacerdote. Durante estes anos de estudo, aprendeu muito bem a ler e a escrever o latim; aprendeu também o grego e chegou a conhecer bem muitos manuscritos antigos em latim, especialmente os dos Pais da Igreja, como Tertuliano, Cipriano e Eusébio. Mas omitiu-se por completo de ler o maior de todos os livros: A Bíblia. Até depois de dois anos da sua ordenação para o sacerdócio, não se animou, com muita excitação a abrir as capas do volume proibido.

A ordenação de Menno Simons para o sacerdócio católico ocorreu no mês de março de 1524, aos 28 anos de idade, provavelmente na cidade de Utrecht, localidade da diocese de Utrecht que incluía praticamente toda a atual Holanda na sua jurisdição. Sua primeira designação foi a cura ajudante no povoado de Pingjum, próximo de seu povoado natal de Witmarsum. Ali oficiou por sete anos (1524-31) em segundo lugar entre os três párocos. Em 1531, Menno foi transferido ao seu povoado natal, onde oficiou como cura pároco até janeiro de 1536, quando declinou o seu serviço na Igreja Católica para unir-se ao pequeno grupo de devotos irmãos evangélicos sob a direção de Obbe Philips, conhecidos pelo nome de Anabatistas ou Obbenitas. Os doze anos de serviço de Menno Simons na Igreja Católica transcorreram aparentemente, até onde é dado apreciar ao homem, no desempenho do círculo ordinário de obrigações de um sacerdote católico num pequeno povoado. Ocupava o seu lugar nas devoções regulares da Igreja, cumprindo com a alta cerimônia da missa tanto como com os outros ritos e cerimoniais. Rogava pelos vivos e pelos mortos, batizava os filhos de seus paroquianos, consagrava matrimônios, recebia confissões, administrava penitências e em ocasiões pregava breves sermões referentes a devoção dominical da congregação. Como os típicos sacerdotes de povoados da sua época, não levava o seu ofício e nem a sua vida muito a sério. Dedicava pouco tempo ao estudo, e ao contrário disso, como ele mesmo confessou, reunia os sacerdotes subalternos para “jogar cartas, beber e outras frivolidades de todo tipo, como era o costume de homens tão inúteis”.

Mas as aparências exteriores não mostram toda a história da vida de Menno durante os doze anos de seu sacerdócio. Bem cedo certas dúvidas a respeito de alguns dogmas da igreja começaram a atormentar a sua

consciência, e a sua vida se tornava claramente mais miserável pela luta secreta interior que não cessou até o rompimento dos laços que o unia com a Igreja Católica, quando partiu publicamente para a fé e liberdade do Evangelho. Vamos descrever esta luta que durou onze anos.

No primeiro ano do sacerdócio de Menno, em 1525, o mesmo ano em que Conrad Grebel e sua irmandade fundavam a Igreja Menonita em Zurique (Suíça), uma séria dúvida começou a perturbar a vida frívola e despreocupada da sua cerimoniosa religião. Enquanto celebrava a missa, subitamente ocorreu-lhe a idéia da possibilidade de que o pão e o vinho não se transformavam no ato no corpo e no sangue do Senhor como tinha ensinado ao povo. A princípio rejeitou o pensamento como inspirado pelo demônio; mas não pôde livrar-se da dúvida mesmo recorrendo ao confessionário. Não se sabe claramente como Menno Simons chegou a duvidar do dogma da transubstanciação como era observado pela Igreja Católica. Possivelmente entrou em contato com os ensinamentos de Martinho Lutero ou de outros reformadores de alguma forma, seja por livros ou pela circulação de tais idéias de boca em boca. Já no ano de 1521, um holandês chamado Hoen, havia começado a ensinar que os elementos da Ceia do Senhor não se transformavam, mas que eram meros símbolos do sofrimento e da morte de Cristo. Mesmo que Menno tenha lido os escritos de Hoen ou não, o fato de que a dúvida a este respeito existia na sua mente é uma evidência da influência que a Reforma havia começado a exercer na distante Friesland, pois a atitude para com a missa era a pedra de toque na nova heresia evangélica.

Por cerca de dois anos Menno esteve atormentado por dúvidas a respeito da missa, antes de encontrar algo que o

orientasse. Finalmente decidiu procurar tranqüilidade por meio de uma diligente investigação no Novo Testamento. Esta decisão foi um dos grandes passos na vida de Menno. Com efeito, foi o passo decisivo que certamente o levaria a conversão final, pois o princípio fundamental da Reforma e do próprio Evangelho é que somente a palavra de Deus é a autoridade como fonte da verdade para fé e vida.

A determinação de Menno Simons de buscar nas Escrituras para resolver as suas dúvidas a respeito da missa, não significava uma decisão de abandonar a autoridade da Igreja, pois provavelmente ele esperava encontrar nas Escrituras uma confirmação para os ensinamentos da Igreja. O verdadeiro problema surgiu quando Menno, tendo decidido abrir a Bíblia, descobriu que não continha nenhuma das doutrinas tradicionais a respeito da missa. Por meio desta descoberta, o seu conflito secreto chegou ao clímax, pois foi compelido a decidir qual das duas autoridades seria suprema na sua vida: a Igreja ou as Sagradas Escrituras. Havia sido ensinado pela Igreja que não crer nas suas doutrinas significava morte eterna. O quê devia fazer? Afortunadamente, como ele próprio repete, encontrou ajuda nas obras de Martinho Lutero, pois este dizia que a violação dos mandamentos dos homens nunca pode conduzir a morte eterna. Não se sabe em qual dos escritos de Lutero encontrou isto Menno, possivelmente no folheto de 1518, “Instrução em vários assuntos”, ou talvez na importante obra escrita em 1520, intitulada “A Liberdade Do Cristão”.

Quando Menno Simons aceitou o ponto de vista de Lutero e se atreveu a negar o dogma da transubstanciação, tal como o observa a Igreja Católica, porque as Escrituras não o ensinam, encontrou a forma de evadir-se das dúvidas e lutas, uma forma de libertar a sua consciência e

a sua alma da morte eterna. Mas fazendo isto, entrava inevitavelmente no caminho que o levaria para fora da Igreja Católica, visto que acatar as Escrituras em todo assunto de consciência equivalia a desprezar os princípios fundamentais do catolicismo. Não obstante, ao fazer a sua decisão com respeito a missa, Menno não seguia o ensino de Lutero; ao contrário, expunha a sua própria interpretação da Ceia do Senhor; não tornou-se luterano em nenhum momento. O que sempre agradeceu a Lutero foi o princípio fundamental de considerar as Sagradas Escrituras sobre qualquer outra autoridade humana.

A decisão de Menno de seguir as Escrituras ocorreu provavelmente por volta do ano de 1528. Isto não o levou ao imediato abandono da Igreja Católica, pois a princípio discordava com ela unicamente no que se referia a missa, e não duvidava que poderia continuar sendo um católico leal e ensinar um novo ponto de vista dentro da Igreja. Assim pois, como todos os outros reformadores, não se precipitou em mudar a sua afiliação da Igreja. Semelhante mudança teria significado o abandono de uma boa posição com a sua generosa entrada, e Menno “amava demais o mundo, e o mundo a ele”, como dizia mais tarde, para dar um passo tão radical. O fato é que estava ainda longe de uma compreensão real do Evangelho, longe de uma conversão espiritual. Os anos subseqüentes, desde 1528 a 1531, foram no entanto, anos de gradual iluminação. Ele disse sobre as suas experiências durante este tempo: “pela iluminação e pela graça do Senhor cresci no conhecimento das Escrituras e logo fui considerado por alguns, ainda que imerecidamente, como um pregador evangélico, a saber, alguém que prega sermões baseados nas Escrituras”. Alguns começaram a recorrer a ele “porque se dizia que pregava a Palavra de Deus e era um bom homem”.

O progresso de Menno no Evangelho foi lento. Um dos pilares de sua fé católica havia sido derrubado: a missa; mas no entanto, continuava sem nenhum temor celebrando-a como antes. Aparentemente era ainda um sacerdote leal. Ele nunca teria abandonado a Igreja Católica se um segundo ponto de sua fé católica não tivesse vindo abaixo: o batismo. A queda deste segundo pilar ocorreu gradualmente. É muito provável que tenha começado com a leitura do livreto de um tal Billican, pregador na cidade de Nördlingen, ao sul da Alemanha, que advogava pela liberdade da idade para o batismo; pelo menos, Menno se refere a um livro sobre o batismo de certos pregadores de Nördlingen. O livro emprega argumentos dados por Cipriano, um dos Pais da primitiva Igreja latina do norte da África. A princípio, Menno prestou pouca atenção quanto a esta questão, mas se viu obrigado a pensar seriamente sobre o batismo no ano de 1531, enquanto estava ainda em Pingjum, a raiz de um estranho episódio na vizinha cidade de Leewarden. Em 20 de março de 1531, certo alfaiate chamado Sicke Freerks, foi executado públicamente nesta cidade pela única razão de ter sido batizado pela segunda vez. “Soava estranho aos meus ouvidos, disse Menno, que se falasse de um segundo batismo.” Mais estranho ainda pareceu-lhe quando inteirou-se de que o tal Freerks era um homem piedoso e temente a Deus, e que não acreditava que as Escrituras ensinavam que as crianças devessem ser batizadas, mas que ensinavam que o batismo deve ser administrado unicamente aos adultos, sobre a confissão de sua fé pessoal.

Freerks era um alfaiate ambulante que havia sido batizado na cidade de Emden, no leste de Friesland, por volta do final do ano de 1530, por um pregador chamado Juan Volkerts Trypmaker, que por sua vez havia sido

batizado e designado pregador na mesma cidade, por volta do começo do ano de 1530, por certo pregador leigo luterano chamado Melchior Hofmann. Comentava-se, além disso, que Hofmann havia sido batizado recentemente pelos “Anabatistas” de Estrasburgo. De qualquer forma, começou em 1530 a pregar o novo batismo e outras doutrinas similares dos “Anabatistas” tendo a Emden como ponto de partida. Deve-se mencionar que o Corpo principal de “Anabatistas” de Estrasburgo, tanto como o da Suíça, nunca tiveram nada que ver com Hofmann. Pelo contrário; em 1538, em discussão pública com os dirigentes da Igreja Reformada de Berna, Suíça, certos líderes “Anabatistas” suíços repudiaram publicamente toda relação com Hofmann. Este, pregava algumas doutrinas fanáticas acerca da segunda vinda de Cristo e o estabelecimento de um reino terreno de Deus em Estrasburgo, além de dar estranhas interpretações para as profecias, inclusive designando a si próprio como o segundo Enoque. A doutrinas por ele ensinadas eram claramente perversões do Evangelho, originadas na sua fecunda imaginação, doutrinas que não havia aprendido de Lutero, nem de Zwinglio, nem dos “Anabatistas”, nem de nenhum outro pregador evangélico. Portanto, não se pode chamar a Hofmann de “Anabatista” no mesmo sentido que aos Irmãos suíços ou aos Menonitas, apesar de que pregou o batismo sobre a confissão de fé, em vez do batismo de crianças pequenas.

Menno Simons não sabia nada disto quando soube da execução de Sicke Freerks. O que deve ter comovido a sua mente foi o fato de que alguém estivesse disposto a morrer por causa de um “segundo batismo”. Era possível que a Igreja Católica estivesse equivocada com respeito ao batismo, como o estava em relação a missa? Uma vez mais o sacerdote Menno se encontrava com um conflito

em sua consciência, causado pela nova dúvida que acabava de surgir. Mas desta vez já sabia como encontrar a solução para o seu problema; como pregador evangélico recorreu de novo a Bíblia em busca de luz. Ali, por muito que procurasse não podia encontrar bases para o batismo de crianças pequenas. Por último recorreu em procura de ajuda a seu superior, o presbítero de Pingjum. Este admitiu depois de repetidas discussões com Menno, que o batismo infantil não tem fundamento bíblico, mas insistiu em que a razão aconselhava que era conveniente e justificado. Mas Menno, que havia aprendido a aceitar o que as Escrituras diziam, não estava disposto a “crer na sua razão” unicamente; portanto foi mais longe na procura de ajuda, desta vez investigando diligentemente o que os Pais da Igreja haviam dito a respeito. Estes afirmavam que as crianças necessitavam do batismo para limpar-se do pecado original. Mas comparando Menno estes ensinamentos com as Escrituras, encontrou uma verdadeira contradição, pois estas ensinavam que o sangue de Cristo, o Redentor, e não a água do batismo, é o único que limpa do pecado. Os Pais da Igreja estavam, portanto, equivocados.

Como último recurso Menno recorreu aos evangelistas contemporâneos, os Reformadores. Todos eles ensinavam que as crianças deviam ser batizadas, ainda que mostrando para isto diferentes razões. Lutero insistia que as crianças podiam ter fé, ao menos delegada a outros, e que deviam ser batizadas na base desta fé. Butzer de Estrasburgo, exigia que as crianças fossem batizadas como garantia de que seriam criadas nos caminhos do Senhor, enquanto que Bullinger da Suíça, argumentava que as crianças deviam ser incorporadas ao povo do novo pacto mediante o batismo, assim como os judeus eram incorporados no seu povo mediante a circuncisão. Mas apesar das várias razões apresentadas, Menno observou que todos omitiam dar

provas bíblicas para o batismo de crianças pequenas; cada qual seguia o seu próprio critério. Havendo chegado no final da sua intensa busca sem encontrar provas que apoiassem o batismo de crianças na Palavra de Deus, Menno chegou a conclusão de “que todos estavam equivocados a respeito” - a Igreja Católica, os sacerdotes de Pingjum, os Pais da Igreja, os Reformadores, e que somente o batismo sobre a confissão de fé era bíblico.

Esta importante determinação foi a mais significativa na carreira de Menno Simons porque ela selou a ruptura com a Igreja Católica e o levou por último ao círculo dos “Anabatistas”. A salvação pelo sacramento do batismo é a pedra angular sobre a qual está constituído todo o sistema da religião católica; é possível permanecer católico ainda negando a doutrina da transubstanciação, mas como se pode manter a fé numa Igreja cujo meio essencial de salvação é negado? Por outro lado, unicamente os “Anabatistas” entre os grupos religiosos dessa época, negavam a necessidade do batismo para crianças e baseavam a condição como membro da Igreja numa experiência pessoal de salvação, da qual a água do batismo constituía um mero símbolo exterior; portanto, Menno algum dia encontraria o meio de chegar até eles.

No entanto esta crítica determinação ocorrida aparentemente no ano de 1531, não levou a Menno a uma imediata ruptura com a Igreja na qual exercia o sacerdócio e da qual conseguia o seu sustento. Passariam cinco anos mais, antes que a separação ocorresse. Apesar de que, como Menno afirma enfaticamente, suas novas crenças relativas ao batismo (assim como a anterior mudança de interpretação da Ceia do Senhor) as havia recebido depois do estudo das Sagradas Escrituras sob a direção do Espírito Santo, pela graça de Deus, suas recentes convicções não o levaram a uma ação imediata. Parece

que havia pequenos grupos de “Anabatistas” na vizinhança, mas Menno Simons não se associou com eles. Ao contrário, quando ofereceram a promoção ao cargo de cura de Witmarsum, aceitou sem vacilar. As grandes vantagens que lhe atribuíam, moviam o seu “afã de lucrar” disse Menno e continuou sem temor, na vida dupla de “hipócrita”, continuando no ofício da missa e no batismo de crianças. O próprio Menno explica o motivo da sua debilidade, pois disse que apesar de seu conhecimento das Escrituras, não frutificava devido a sua vida carnal. Aquilo que havia mudado a sua mente, não havia afetado o seu coração; a Palavra de Deus ainda não estava nele. Ele próprio descreve a hipocrisia da sua vida nesses dias com palavras duras:

“Confiado na graça, procedia como um malvado. Era como uma sepultura cuidadosamente branqueada. Exteriormente, para os homens, eu era moral, casto, generoso; nada poderia desaprovar-me. Mas interiormente estava cheio de ossos de mortos. Procurava a minha própria comodidade e honra mais zelosamente do que a Tua justiça, honra, verdade e a Tua Palavra.”

A oposição entre a convicção e a prática no que se refere ao batismo e a Ceia do Senhor não deixaram ao novo pastor de Witmarsum em repouso mais do que o antigo cura de Pingjum. A consciência de Menno o condenava continuamente e sofria por causa deste constante conflito secreto. O assunto do batismo tornou-se novamente atual por volta do um ano depois da chegada de Menno a Witmarsum, pela entrada de alguns “Anabatistas” na comunidade. Menno disse que ele nunca viu as pessoas que “havia rompido com a Igreja com respeito ao batismo”, não soube onde estavam nem de onde vinham. Menno ainda permanecia inativo.

Finalmente ocorreu um fato mais grave na sua paróquia, quando alguns da seita de Münster chegaram a Witmarsum e “enganaram a muitas almas piedosas do nosso povoado”. Isto ocorreu em 1534, pois o governo revolucionário de Münster não se instalou até fevereiro do mesmo ano.

O grave erro da “perversa seita de Münster” como ele a chama repetidas vezes, foi uma questão séria para Menno. Visto que os enormes danos causados pelos Münsteritas foi a causa final para a ruptura de Menno com o Catolicismo e a sua adesão aos “Anabatistas”, e visto que a luta contra esse movimento fanático por todos os meios ao seu alcance foi a preocupação principal de Menno durante os anos de 1534 e 1535, será bom fazer uma breve resenha das características do Münsterismo.

Jan Matthys, um padeiro pouco instruído mas presunçoso, de Kaarlem, Holanda, foi um membro do pequeno grupo de seguidores de Melchior Hofmann que havia organizado os “Melchioritas” no ano de 1531. Quando Hofmann foi feito prisioneiro em Estrasburgo em maio de 1533, perdendo por conseguinte a condução de seus seguidores, certos elementos indesejáveis começaram a adquirir influência e gradualmente a assumir a direção do grupo. Matthys foi o principal deles. Tinha uma poderosa personalidade, cheio de ódio para com as classes superiores e possuidor de uma imaginação capaz de maquinar os mais fantásticos atos. Teve êxito ao fazer recair o comando sobre si mesmo, arrastando a muitos dos Melchioritas consigo a um programa radicalmente revolucionário; no entanto, alguns como os irmãos Obbe e Dirk Philips de Leewarden e outros, rejeitaram plenamente as estranhas novas doutrinas de Matthys desde o princípio e recusaram ter alguma coisa a ver com ele, apesar de serem ameaçados com perseguições. Com

efeito, Obbe Philips tomou a direção do grupo de Melchioritas que rejeitavam as estranhas tendências de Hofmann, assim como as de Matthys e trataram de construir a sua fé baseados unicamente numa sã interpretação das Escrituras.

Enquanto isso, Jan Matthys percebeu que a classe trabalhadora evangélica da cidade de Münster em Westfalia, ao noroeste da Alemanha havia sacudido a dominação das classes altas, inclusive a do Bispo Católico. Aguilhoado pela idéia de que isto lhe ofereceria a oportunidade de assentar uma base segura para a sua campanha contra as “ímpias” classes enaltecidas, mandou imediatamente agentes que conseguiram predispor a seu favor aos “pregadores evangélicos” Rothman e Roll em janeiro de 1534. Rapidamente o próprio Matthys foi para a cidade, tomando-a sob o seu controle com a delirante e histérica aprovação da população e prometendo estabelecer o reino de Deus na terra, a nova Jerusalém. Quando foi morto, João de Leiden tomou o seu lugar e constituiu a si próprio como rei. A assombrosa doutrina anunciou então que, visto que o reino de Deus havia chegado, a justiça seria administrada aos infiéis pelos crentes e membros do novo reino. Mandaram “Apóstolos” em quantidade desde Münster convidando aos “crentes” de todas as partes a comparecer na Nova Jerusalém e a participar de suas bênçãos. Milhares acreditaram no anúncio e aceitaram o convite de imediato, e ainda que muitos deles foram presos no caminho, centenas chegaram na cidade. No entanto a duração do reinado de Münster não seria muito comprida; o sítio em volta da cidade, ordenado pelo exército do Bispo de Münster em março de 1534 conduziu na captura e derrubada do “Reino” em junho de 1535, depois de terríveis sofrimentos e indescritíveis cenas de brutalidade.

Infelizmente, a doutrina de vingança e de destruição dos infiéis pelos crentes, havia aumentado nos círculos dos Melchioritas primitivos da Holanda, e portanto, organizaram revoluções e conspirações em outros lugares fora de Münster com os desastres conseguintes. O terrível veneno do fanatismo revolucionário de Jan Matthys e de João de Leiden continuou na sua ação implacável entre os perseguidos e maltratados Melchioritas da Holanda.

Menno Simons entrou em contato com a “perversão Münsterita” no ano de 1534. Algumas das almas mais piás e devotas entre os seus paroquianos, sem dúvida, algumas daquelas que haviam sido influenciadas pelas suas pregações e com as quais se sentia espiritualmente identificado, foram arrastadas pelo fanático erro dos Münsteritas. Até o seu próprio irmão se encontrava entre eles. Apesar de que Menno havia adotado o princípio do batismo de adultos, não podia nem suportar a idéia de ter algo em comum com os Münsteritas. Admitia que tinham um zelo elogiável, mas declarava que cometiam graves erros em seus ensinamentos. Afetou-o profundamente ver que estas abomináveis doutrinas encontravam adeptos entre os seus paroquianos e decidiu entregar-se completamente para combatê-los.

A luta contra a influência Münsterita foi a preocupação principal de Menno por cerca de um ano. Colocava tanta energia na acusação pública que deles fazia em seus sermões, que logo conquistou a fama de hábil para “calar muito bem a voz de seus inimigos”. Em suas visitas pastorais procurava não somente salvaguardar aos que estavam em perigo e enganados, mas também resgatar aqueles que haviam deslizado. Conseguiu também, celebrar uma conferência secreta e uma pública com “dois pais da perversa seita”. Finalmente Menno decidiu levar além aquela luta, escrevendo. O resultado de seus esforços

foi um folheto, escrito provavelmente a princípios de 1535, ainda que impresso pela primeira vez em 1627, sob o título: “Prova clara e indubitável, baseada nas Sagradas Escrituras contra a abominável e terrível blasfêmia de João de Leiden.” Neste folheto, Menno ataca vigorosamente o enaltecimento do “Rei” João a uma autoridade divina, e prova que o uso de armas pelos Münsteritas era um grave pecado, contrário a vontade de Deus para a Igreja e contrário também ao espírito de Cristo. Apelava aos verdadeiros cristãos de todas as partes a separar-se de tais abominações e a seguir o exemplo de Cristo.

CAPÍTULO II

Conversão e renúncia ao catolicismo

(1535-1536)

Mas enquanto Menno lutava vigorosamente a boa batalha da verdade contra o erro dos Münsteritas, se introduzia cada vez mais profundamente num sério conflito interno. Ele havia se preocupado em resgatar as almas piedosas que discordavam da Igreja Católica, de envolver-se nas heresias dos Münsteritas, e unicamente lhes proporcionava algo melhor, não apareceria diante deles como um simples defensor e apoiador da Igreja Católica? E quando, seus amigos católicos usavam o seu nome e os seus argumentos para combater aos Münsteritas, não estava permitindo comparecer como aliado da manutenção do império das trevas na dita Igreja? Quanto mais êxito tinha em esmagar aos Münsteritas, tanto mais intolerável para a sua consciência se tornava a situação.

O clímax do conflito se produziu quando sobreveio a tragédia da Velha Abadia próxima de Bolsward, onde cerca de três mil almas extraviadas perderam a vida, entre eles seu próprio irmão carnal. O grupo era um dos citados anteriormente, que estavam impregnados do veneno revolucionário dos Münsteritas e haviam decidido erigir a sua própria cidade em refúgio e começar a campanha para o estabelecimento do reino de Deus em Friesland. Em março de 1535, uma grande companhia de 3.000 pessoas havia se apoderado de um velho monastério (Oude

Kloster) nos subúrbios da cidade de Bolsward, encerrando-se nele. Não puderam suportar por muito tempo o assédio das forças governamentais e depois que 1.300 haviam perecido, o resto foi capturado e executado em 7 de abril. O exemplo destas “pobres ovelhas extraviadas” como as chama Menno, dando seu sangue e a sua vida pela sua fé, apesar de ser uma fé falsa, produziu uma extraordinária impressão na alma de Menno Simons. Não podia afastar este pensamento. Eles haviam dado as suas vidas por um erro, enquanto que ele não estava disposto a dar absolutamente nada pela verdade, somente por temor de perder a sua reputação e seus ganhos financeiros, continuava fazendo parte de um sistema que a sua consciência repudiava. Se tivesse tido a valentia de chegar ao fim, renunciando a doutrina e práticas católicas, e constituindo-se no pastor dessas ovelhas errantes, talvez teria conseguido salvá-las por advertí-las da aproximação da tragédia. Sentia que o sangue deles caía sobre a sua consciência, queimando-o e fazendo-o ver o seu opróbio. “O sangue dessa gente, dizia, tornou-se para mim uma carga tão pesada que não podia suportá-la nem encontrar descanso para minha alma”. Era verdade que havia falado contra algumas das abominações do sistema papal, mas, no entanto não havia feito uma ruptura definitiva com todo o sistema.

A tragédia da Velha Abadia colocou a Menno na encruzilhada; agora observava claramente o seu dever. Como servo de Deus não podia escapar da responsabilidade de guiar as ovelhas errantes, e como alguém que professava obediência e a crença em Deus, não devia vacilar mais e deveria tomar a cruz da perseguição e do sofrimento, qualquer que fosse o custo. Não podia continuar indo contra a sua consciência e convicções.

E foi neste estado de ânimo que Menno se voltou à Deus com gemidos e lágrimas, clamando por graça e perdão, clamando por um coração puro e valentia para pregar o Seu santo nome e Palavra com toda a verdade. No relato da sua conversão Menno descreve a mudança de seu coração com as seguintes palavras: “Meu coração tremia dentro de mim. Rogava a Deus com lágrimas e gemidos que concedesse a mim, pobre e atribulado pecador, o dom da Sua graça, e que criasse um coração limpo dentro de mim pelos méritos do precioso sangue de Cristo, que perdoasse a minha vida ímpia e egoísta e me investisse de sabedoria, sinceridade e valor para pregar o Seu glorioso e bendito nome e a Sua santa Palavra sem adulterações e que manifestasse a Sua verdade e a Sua glória”. O Senhor foi misericordioso com ele; a decisão foi feita e Menno surgiu depois desta experiência com o sentido de uma divina missão, a nova vida. Alguns tem criticado a Menno por ter retardado tanto a sua decisão, mas tal crítica não é muito justa. A luz completa se fêz nele gradualmente e não de forma repentina, pois era de temperamento sereno e não facilmente excitável e mutável. O importante de comprovar é que uma vez convencido, Menno o fazia desde o profundo de sua natureza, e que uma vez tomada uma determinação, não voltava atrás. A mudança foi tão profunda, radical e completa, e deu-lhe um sentido tal de sua divina missão, que foi capacitado pela graça de Deus para chegar a ser um líder inspirado, um formidável e forte torreão para o seu amargurado e perseguido povo, por mais de vinte e cinco anos. Na realidade, comparado com Lutero e Zwinglio, não desmerece Menno Simons na magnitude de sua ruptura com Roma, especialmente quando lembramos que Martinho Lutero contava com a poderosa proteção do “Eleitor da Saxônia” e não estava em perigo a sua

reputação e nem os seus ganhos financeiros com a mudança, enquanto que Zwinglio não se moveu até ter conseguido o apoio do Cantão de Zurique, cujo bem remunerado pastor continuou sendo até a sua morte no campo de Cappell.

A decisão de Menno de romper por completo com a Igreja Católica provavelmente ocorreu em abril de 1535, pouco depois da tragédia de Bolsward. De repente começou a pregar abertamente desde o seu púlpito em Witmarsum as verdades que talvez havia ensinado antes em particular; a doutrina do arrependimento, da verdadeira fé, do batismo de crentes, da verdadeira Ceia do Senhor. Ousava agora atacar públicamente todas as falhas da Igreja, porque havia procedido calculadamente para salvaguardar a si próprio. Aparentemente decidiu utilizar a Igreja de Witmarsum como tribuna da sua nova mensagem todo o tempo que lhe fosse possível, o mesmo que haviam feito Lutero em Wittenberg e Zwinglio em Zurique. É admirável que durante nove meses permitiram-lhe fazê-lo, segundo o seu próprio testemunho. Durante estes nove meses sustentou uma dupla campanha; por um lado empenhava-se por livrar as pessoas das abominações Münsteritas, e por outro, procurava afastá-las de suas antigas crenças para a verdadeira fé do Evangelho. Veja a descrição que ele faz da sua atitude e atividades durante estes nove meses:

“Em resultado, comecei em nome do Senhor a pregar públicamente desde o púlpito, a doutrina do verdadeiro arrependimento, a guiar as pessoas pelo caminho apertado, e com o poder das Sagradas Escrituras, a denunciar todo pecado e impiedade, toda idolatria e falsa adoração, e a anunciar o verdadeiro culto, também o batismo e a Ceia do Senhor de acordo com os ensinamentos de Cristo, com o alcance que para este tempo havia adquirido pela graça de

Deus. Além disso, advertia firmemente contra cada uma das abominações Münsteritas, a saber: rei, poligamia, reinado terreno, armas, etc., durante mais de nove meses, em que o Senhor me concedeu o Seu Espírito paternal, ajuda e poder para que voluntariamente renunciasse ao “bom nome”, honras e reputação que disfrutava entre os homens e me afastaria de todas as abominações do Anticristo, missa, batismo infantil e a minha vida inútil, e de bom grado me submeteria a aflição e a pobreza, sob a cruz de meu Senhor. Em minha debilidade temendo a Deus, busquei a companhia dos piedosos e, mesmo sendo poucos em número, encontrei alguns que tinham um zelo elogiável e defendiam a verdade.”

“Eis aqui, querido leitor, que o Deus da bondade, pela abundância da Sua graça derramada sobre mim, pecador miserável, primeiro tocou no meu coração, dando-me uma mente nova, humilhou-me em Seu temor, ensinou-me a conhecer a mim mesmo, fez-me voltar do caminho de morte, e me conduziu, benigno, pelo caminho estreito da vida na comunhão de Seus Santos. A Ele seja a glória para sempre. Amém.”

Mas a posição de Menno como pregador evangélico num púlpito e paróquia católicos, não se manteria por muito tempo.

A sua completa separação da Igreja era uma questão de tempo. A data exata de seu batismo não é segura; possivelmente tenha sido um pouco depois da sua conversão em abril, mas é muito provável que não tivesse ocorrido até depois da separação pública da Igreja ocorrida nove meses depois. Durante este período de tempo teria introduzido mudanças nas cerimônias e sacramentos da Igreja, assim como no conteúdo da sua pregação. É possível que a missa tenha se transformado num simples serviço de comunhão em comemoração da

paixão e morte do Salvador e certamente o batismo de bebês tenha cessado. Finalmente Menno compreendeu que não podia continuar em contato com a velha Igreja, com “Babel” mesmo que fosse de forma puramente externa. Portanto, voluntariamente, sem compulsão “abandonou Babel e ingressou na verdadeira Igreja, a casa de seu Senhor”. E isto ele fez por meio da renúncia do seu cargo de sacerdote e do seu púlpito, e abandonando o povoado de Witmarsum por outra residência. O dia exato da sua renúncia a Igreja papal foi provavelmente no domingo 30 de janeiro de 1536. Presume-se que foi a Leewarden para informar a Obbe Philips da sua decisão, pois Menno disse que primeiramente olhou ao seu redor em busca de homens tementes a Deus.

Durante os meses seguintes da sua separação, o que Menno desejava mais do que qualquer outra coisa, era pensar serenamente no alcance da sua decisão e ler a Palavra de Deus, meditar nela e resolver algumas questões teológicas que ainda o preocupavam. Uma delas era quanto a encarnação. Parece que tinha conhecimento de certos pontos de vista peculiares de alguns dos irmãos, tomados originariamente de Melchior Hofmann, e queria resolver por si próprio o que deveria crer. O problema que o preocupava era o seguinte: Como pôde a impecável natureza divina de Cristo ser encarnada na carne pecaminosa dos descendentes do caído Adão? Por causa do seu ardente desejo de conhecer a verdade e a sua grande repugnância a incredulidade e ao erro, Menno se encontrou em sério conflito. Jejuou e pediu a Deus que “se dignasse a revelar-lhe o mistério da concepção do Seu bendito Filho” já que isto era necessário para alívio da sua carregada consciência. As tentativas para conseguir ajuda dos irmãos, não foram satisfatórias. Depois de vários meses Menno considerou que havia conseguido uma

solução adotando a teoria da encarnação, mediante a qual Cristo adquiriu existência em Maria, mas não nasceu da carne de Maria. Era similar ao ponto de vista de Hofmann. Menno adotou esta teoria especialmente para satisfazer a si próprio e raramente falava muito dela, exceto quando se via forçado a fazê-lo em debates públicos com seus inimigos que a consideravam como o seu ponto fraco. Lamentava-se repetidas vezes de ter que debater, contra as suas inclinações, sobre este assunto. É interessante advertir que a extravagante idéia de Menno sobre a encarnação, não foi aceita pelos Menonitas suíços e que, ainda que continue exercendo influência entre alguns grupos Menonitas alemães do norte da Holanda, esta teoria nunca encontrou aceitação em nenhum credo autorizado ou confissão da Igreja Menonita.

No ano seguinte da renúncia pública de Menno a Igreja Católica em janeiro de 1536, transcorreu no retiro, como já relatado acima. Parece que Menno não se estabeleceu em nenhum lugar. Vestígios das suas viagens durante este tempo tem se conservado na história dos mártires que foram castigados anos depois por terem dado hospedagem a ele. Viajou de Witmarsum a Leewarden, e de novo a Witmarsum e depois a Groningen. Por volta do final do ano, parece ter se estabelecido num refúgio próximo da cidade de Groningen ao noroeste da Holanda, pois de acordo com velhas tradições, ali foi ordenado ancião ou bispo.

Menno deixa de mencionar o lugar da sua ordenação ou os nomes dos que o ordenaram, mas relata detalhadamente a experiência que o levou a comissão final. Deve-se ter por certo que depois da sua separação, Menno continuou ensinando e pregando cada vez que tinha oportunidade, mas não havia assumido

responsabilidade definitiva alguma, nem a direção da congregação, desde que abandonara Witmarsum.

Enquanto estava entregue ao estudo e a escrever no seu retiro de Groningen, seis ou oito dos irmãos foram e rogaram-lhe que aceitasse o cargo de ancião ou pastor principal e bispo da Congregação. O tempo deste chamado foi “por volta de um ano depois que abandonou o papado” quer dizer, durante o inverno de 1536-37. Não era fácil para Menno aceitar o oferecimento; ainda que considerasse um dever ajudar na condução “dos tementes a Deus”, também sabia o que devia esperar do mundo se aparecesse públicamente como o guia deles. Portanto pediu tempo para orar e considerar o assunto. Quando os irmãos pouco depois repetiram o chamado, Menno cedeu, mas não sem alguma luta. Ele descreve a sua resolução como segue:

“Quando o ouvi (ao chamado), o meu coração se comoveu profundamente. Rodearam-me o temor e o receio. Por um lado via os meus escassos talentos, a grande falta de conhecimentos, a minha natureza fraca, a timidez da minha natureza, a grande perversão, a dissolução, a crueldade e a tirania do mundo, as grandes e poderosas seitas (as igrejas perseguidoras do estado), a astúcia de muitos homens e a indescritivelmente pesada cruz que, sim, começava a pregar e a sentiria; e por outro lado reconhecia que a necessidade, a miséria e a avidez das almas piedosas e devotas eram incomensuravelmente grandes, pois havia visto com toda clareza que vagavam como inocentes ovelhas que não tem pastor.

Quando aquelas pessoas anteriormente mencionadas insistiram com seus rogos e a minha própria consciência me acusava em vista da necessidade já mencionada, consagrei o meu corpo e a minha alma ao Senhor, encomendando-me a Sua direção e comecei no seu devido

tempo (depois de ser ordenado para o ministério da Palavra), conforme a Sua Santa Palavra a ensinar, a batizar, a trabalhar com os meus minguados talentos no campo do Senhor, ajudando na construção da Sua Santa Cidade e Templo e a reparar os muros destruídos”.

A ordenação deve ter ocorrido possivelmente em 1537, e foi quase certamente efetuada por Obbe Philips.

A importância da ordenação de Menno Simons para a condução da congregação do norte da Holanda conhecida nesse tempo com o nome de Obbenitas, mal pode-se avaliar devidamente. Como o próprio Menno confessa, os poucos que haviam permanecido fiéis as doutrinas bíblicas evangélicas, sob a direção de Obbe e Dirk Philips e haviam resistido a tentação de seguir as fanáticas doutrinas de Jan Matiz, estavam desanimados e espalhados, esperando ansiosamente um líder poderoso. O próprio Obbe perdeu o ânimo e finalmente abandonou o seu cargo de bispo, afastando-se por completo da Congregação poucos anos depois, talvez em 1541. Muitos dos que haviam sido arrastados pela corrente Münsterita, desiludidos pelo trágico fim do “reinado” estavam desorientados como ovelhas sem pastor. Talvez fossem ganhos de novo para o Evangelho.

Além disso, alguns caudilhos fanáticos tratavam ainda de promover movimentos radicais apesar do fracasso de Münster e colocavam em perigo a fé de muitos. O chefe deles era Jan de Batenburg cujo violento programa de vingança degenerou cada vez mais, tornando-se em simples vandalismo. No ano de 1536, em Bocholt, Westfalia, aconteceu uma assembléia destes Anabatistas revolucionários. Até David Joris, a quem Obbe Philips havia ordenado como bispo quase simultaneamente com Menno, voltou atrás convertendo-se num fanático visionário e extático, cuja imprudente interpretação das

Escrituras estava igualada com o seu caráter ímpio e hipócrita. Não é exagerado afirmar que a preservação dos “Anabatistas,” da Holanda e Alemanha, de uma completa aniquilação, ou pelo menos de ser absorvidos pelo fanatismo dos Batenburgueses e Davidienses e a reunião em torno de uma norma de vida pura e fé evangélica, se devem em grande parte a fecunda ação de Menno, que cedeu ao prematuro chamado de seus piedosos irmãos, e que entregou o coração, a alma e o corpo a Deus, tomando sobre si a “pesada cruz” de seu Senhor em fiel, irrenunciável e consagrado ministério até a sua morte ocorrida em Wüntenfelde, Holstein, em 1561.

CAPÍTULO III

Atividades na Holanda

(1536-1543)

O campo de ação designado a Menno na época da sua ordenação não estava aparentemente limitado em nenhum sentido. Contava-se com ele para que visitasse aos irmãos espalhados, pregasse, batizasse, e restabelecesse a Igreja de Deus em qualquer oportunidade que tivesse. Naturalmente, procurou cumprir com a sua missão, primeiramente nas comarcas próximas. Foram conservadas poucas informações relativas as atividades de seus primeiros cinco anos de ministério. Convém lembrar que, apesar de ter contraído matrimônio em 1536 ou em 1537 com uma tal Gertrudis, não teve residência fixa, mas viajava continuamente. O seu primitivo campo de atividades estendia-se desde Friesland Oriental, onde batizou a certo Pedro João, em Oldersum, em 1536, para o poente através das províncias setentrionais de Groningen e Friesland Ocidental. Nestas últimas, passou a maior parte do tempo até 1541.

O próprio Menno fala de um homem a quem havia batizado em Friesland Ocidental e que fora executado em 8 de janeiro de 1539, por tê-lo hospedado.

Por volta do ano de 1539, escreve Menno, “um homem muito piedoso e temente a Deus, chamado Tjard Reynders, foi feito prisioneiro onde eu vivia, por ter me recebido secretamente em sua casa, apesar de eu ter sido um homem sem lar, sem amigos, e sem a consideração de ninguém. Pouco depois foi condenado e torturado no torno e depois de dar um valente testemunho da sua fé, morreu

como um esforçado campeão do Senhor, na semelhança do Seu Mestre. Sempre havia sido considerado até pelos seus inimigos, como um homem piedoso e irrepreensível”.

Menno viajou a Friesland Ocidental várias vezes ao ano até 1541 e tão eficaz foi o seu trabalho, que logo foi reconhecido como o líder notável dos “Anabatistas” na província. As autoridades provinciais haviam tentado sem resultado por vários anos, extirpar a “maldita seita”, chegando finalmente a conclusão de que não conseguiriam o seu objetivo até que Menno fosse tirado do meio. Para este fim, propuseram um plano a Maria, Regente dos Países Baixos, que consistia em induzir a certos “Anabatistas” prisioneiros, a que traíssem a Menno, entregando-o para as autoridades em troca de sua liberdade, mas não tiveram êxito. A nota datada de 19 de maio de 1541, onde se esboça o plano a seguir, mostra vividamente os perigos a que se expunha Menno em seus trabalhos.

“Mui serena, justa, honorável; mui poderosa Rainha, mui graciosa Senhora. Nos oferecemos humildemente para servir a Vossa Majestade. Mui graciosa Senhora; apesar do erro da maldita seita dos Anabatistas que nos últimos cinco ou seis anos tem prevalecido nestas terras de Friesland, mas que agora, louvado seja o Senhor, devido a publicação de certos editos e as execuções que se realizaram contra tais transgressores, teria sido certamente aniquilada e extirpada, a não ser por um tal Menno Symonsz, ex-sacerdote, dirigente principal da precitada seita e que desde uns três ou quatro anos anda como fugitivo, transitando durante estes últimos tempos duas ou três vezes por ano nestes lugares e enganando muitas pessoas incautas e simples. Para localizar e prender a este homem, temos oferecido grandes somas de dinheiro, mas até o presente momento, sem resultado algum. Portanto

pensamos em oferecer e prometer perdão e misericórdia a alguns que tem sido enganados (pelos Anabatistas) e que desejam a graça (retratando-se da sua fé), se conseguir a captura de Menno Simons. Como não queremos ter a ousadia de fazê-lo por conta própria, é que desejamos dar aviso a Vossa Majestade, rogando que nos comunique o beneplácito de Vossa Majestade e a ordem que nós esperamos com impaciência e dispostos a executar na medida de nossas forças, da qual o Deus Todo-poderoso é testemunha. Que Ele conceda a Vossa Majestade muita saúde e um longo império. Escrita em Leewarden, em 19 de maio de 1541. Os humildes e obedientes servos de Vossa Majestade em Friesland”.

O oferecimento de recompensas pela detenção de Menno foi anunciado em cartazes espalhados por toda a província de Friesland Ocidental, mas sem surtir o efeito desejado e tampouco conseguiu afastar a Menno de suas atividades pela região. Por último, o Imperador Carlos V, foi induzido a publicar um edito contra Menno em 7 de dezembro de 1542, no qual era oferecida uma recompensa de 100 moedas de ouro pela sua cabeça e além disso, proibia prestar-lhe ajuda ou hospedá-lo de qualquer forma e ler seus livros. Todos os seus seguidores foram igualmente perseguidos e presos. A qualquer um que entregasse a Menno para as autoridades, lhe seria perdoado qualquer crime que tivesse cometido.

A severidade destes editos prova a intensidade das perseguições que suportaram Menno e seus partidários nesta época. Menno tinha pleno conhecimento dos riscos que corria, mas continuou trabalhando muito com indeclinável zelo e coragem. Seu espírito se manifestou nos seguintes parágrafos de um folheto que escreveu nesta época:

“E sobre tudo, orai por vosso pobre e diligente servo que é procurado com muito empenho para ser entregue a morte, a fim de que Deus, Pai misericordioso, o fortaleça com Seu Espírito Santo e o livre da mão dos que injustamente procuram a sua morte, se essa é a Sua Paterna vontade; e se não é, que lhe conceda em toda tribulação, tortura, sofrimento, perseguição e morte, coragem, determinação, sabedoria e fortaleza”

No ano de 1541, Menno estabeleceu o seu campo de ação ao sul de Amsterdã e no território vizinho conhecido como província do norte da Holanda. Ali passou a maior parte do seu tempo durante os anos de 1541 a 1543, sem interromper o seu contato com Friesland e Groningen. Mesmo tendo batizado muitos em Amsterdã e nos arredores, somente foi conservado o nome de dois deles: Lucas Lamberto e o livreiro João Claeszoen. Ambos pereceram como mártires em 19 de janeiro de 1544, pouco depois que Menno abandonou a região. Claeszoen ou Claasen fazia circular os escritos de Menno e certamente publicou alguns deles. Além disso, era ministro ordenado.

Durante os cinco anos de trabalho nos Países Baixos, Menno se ocupou muito em difundir as suas obras, que foram num total de sete. Cinco delas eram pequenos folhetos, variando entre vinte e sessenta páginas do tamanho de um livro de tamanho mediano. Os dois mais importantes foram “Os Fundamentos da Doutrina Cristã”, livro de duzentos e cinquenta páginas, escrito em 1539, e “Da Verdadeira Fé Cristã” de cento e sessenta páginas escrito em 1541. “Batismo Cristão” publicado em 1539 tem também certa importância. Todas as obras deste período da vida de Menno são exposições substanciais de doutrinas fundamentais, como arrependimento, fé, novo nascimento, santidade, e temas similares. Não eram tratados eruditos, mas sim, livros simples, adaptados ao

cotidiano das pessoas e apropriados para as grandes necessidades da época. Por essa razão foram amplamente lidos e prestaram um esplêndido serviço fortalecendo a fé de muitos que estavam perturbados e desorientados pelos numerosos conflitos da ocasião. Não é estranho, pois, que as autoridades se preocupassem tanto por destruir os escritos de Menno, e que impusessem severas penas aos que os lessem ou os distribuíssem.

CAPÍTULO IV

Atividades no noroeste da Alemanha (1543 - 1546)

Compreendendo que um vasto campo de ação lhe era oferecido no noroeste da Alemanha onde os severos editos do Imperador e da Regente não tinham vigor, Menno abandonou definitivamente a Holanda no final do ano de 1543, depois de sete anos de árduo e frutífero trabalho. Os restantes 18 anos de sua vida, os dedicou em levantar a Igreja do noroeste da Alemanha, território vizinho do leste da Holanda. A extensão comparada de seus trabalhos nos dois países demonstra que Menno foi menos Holandês do que Alemão, durante seus 25 anos de serviço como bispo Menonita, fato que muito raramente é reconhecido como se deve. As perseguições eram muito menos severas nestes territórios do que no leste da Holanda, primeiramente porque o Imperador, que era adepto católico, exercia muito pouco poder e influência ali, e em segundo lugar porque muitos dos dirigentes e da nobreza menor eram partidários da tolerância. A vida de Menno na Alemanha pôde dividir-se em três períodos desiguais que vamos estudar separadamente. 1), Alguns meses em Friesland Este; 1543-1544. 2), Dois anos no bispado de Colônia; 1544-1546. 3), Quinze anos em Holstein e na região costeira do Báltico.

No princípio do inverno de 1543-1544, Menno com a sua família aparece no leste de Friesland onde governava a condessa Anna, sendo a sua capital a cidade costeira de

Emden. Nesta época o país se encontrava em transição, do catolicismo para o protestantismo, motivo pelo qual os “Anabatistas” foram temporariamente tolerados.

Anna acabara de autorizar (1543) a João a’Lasco, um Reformador Zwingliano nativo da Polônia que havia trabalhado ativamente na província desde 1540, a que organizasse a planejada Nova Igreja Protestante do Estado.

O lugar exato em que Menno se estabeleceu ao chegar em Friesland é desconhecido, sabendo-se unicamente que não foi em Emden, ainda que ali houvesse uma bem organizada congregação ou irmandade, estabelecida sob a direção de Obbe e Dirk Philips.

Devido a tolerância do governo da condessa Anna, várias seitas se estabeleceram em Friesland além dos “Mennonitas”. Entre elas se encontravam os Batenburgueses que, como seguidores de Jan van Batenburg ainda sustentavam as sangrentas doutrinas de Münster; os Davidienses, seguidores do fanático e visionário David Joris, colaborador dos irmãos Philips, dos quais separou-se em 1536.

Quando João a’Lasco começou o seu trabalho de reformador em Friesland em 1543, logo advertiu sobre as diferenças entre as seitas fanáticas e revolucionárias e os pacíficos e relativamente ortodoxos Menonitas. Sériamente interessado sobre qual deveria ser o tratamento que deveria dar a todos eqüitativamente, alegrou-se muito ao saber por intermédio de vários irmãos, da chegada de Menno Simons como líder na província e o convidou a ir para a capital para participar de uma entrevista sobre questões teológicas. Esta entrevista, chamada por alguns de debate ou disputa, apesar de não ter passado de uma discussão semipública, aconteceu com o beneplácito das

autoridades, de 28 a 31 de janeiro de 1544, na capela de um monastério Franciscano Reformado de Emden. Vários ministros da Reforma e outros estiveram presentes. Foram necessários três dias para tratar de todos os tópicos em discussão, que foram os seguintes: a encarnação de Cristo, santificação, batismo, pecado original e chamada de ministros. Em dois assuntos, pecado original e santificação, Menno e a'Lasco coincidiam; nos três restantes não houve acordo possível. O próprio Menno testemunhou que foi tratado com bondade e que a única coisa que se lhe pediu foi que apresentasse uma exposição escrita da sua fé diante das autoridades, que teriam assim uma informação segura e autorizada dos princípios que Menno e seus seguidores sustentavam.

O prometido informe foi apresentado por Menno três meses mais tarde com o título de “Breve e clara confissão e instrução Bíblica.” Divide o seu conteúdo (cerca de setenta páginas) em duas das doutrinas mais discutidas: a encarnação e a chamada ao ministério, e promete uma exposição posterior do terceiro ponto, ou seja do batismo. Este último informe não foi apresentado; a'Lasco fez a publicação da exposição de Menno sem o seu consentimento. Pretendeu, ao fazer isto, usá-la como arma contra os Menonitas, enquanto que Menno estava confiante que conseguiria com ela o reconhecimento das autoridades ou pelo menos a sua tolerância. A'Lasco publicou uma refutação a esta exposição num livro escrito em latim, que apareceu em Bonn no ano seguinte (1545). Tempos depois, em 1554, Menno replicou num livro de aproximadamente cem páginas, intitulado “Clara e Incontrovertível Confissão e Demonstração.”

A atitude de a'Lasco para com os Menonitas foi um tanto confusa. Sem dúvida advertiu as autoridades que não permitissem que se radicassem no território, líderes como

Menno, ainda que parecia estar disposto a conceder tolerância aos membros, e tomava cuidado ao distingui-los de grupos tão radicais como os Batenburgueses.

Quando a condessa Anna em 1544, sob a pressão da Holanda emitiu um edito desterrando a todos os “Anabatistas”, a’Lasco a persuadiu para que o modificasse no sentido de expulsar aos extremistas e conceder aos “Mennistas” um tratamento mais benigno, submetendo-os ao controle de a’Lasco; mas finalmente a expulsão foi decretada. Este decreto modificado em 1545, é de interesse histórico por tratar-se do primeiro documento no qual o nome de “Mennistas” ou Menonitas foi usado para referir-se aos seguidores de Menno Simons.

Por volta de 1544, possivelmente em maio, Menno abandonou Friesland Oriental para procurar refúgio e paz no território ou bispado de Colônia: Duas razões impeliram a Menno para as terras do Reno. Uma, possivelmente foi a existência nesse território de numerosas e florescentes congregações dos Irmãos. A outra foi a política de tolerância do Arcebispo Herman von Wied, que era favorável a Reforma, e que nessa época estava empenhado em transformar o arcebispado num principado luterano.

Os dois anos (1544-1546) que permitiram a Menno residir no território de Colônia, até que Herman von Wied fosse deposto pelos seus inimigos católicos em 1546, estão entre os mais pacíficos e frutíferos de sua vida. As escassas informações que se preservaram de suas viagens e ocupações, revelam que os seus livros foram amplamente distribuídos e lidos e que o seu nome e fama cresceram rapidamente. Em seus escritos posteriores Menno faz referência a certas experiências que ocorreram ali, mencionando o fato de ter sido convidado a discutir certas questões teológicas com pregadores de Bonn, no

Reno, e também com pregadores de Wesel no território de Cleve. Em Bonn, as autoridades, influenciadas pelos relatos de a'Lasco e de seu amigo Hardenberg, finalmente rejeitaram o plano; enquanto que os pregadores de Wesel, em sua resposta ao oferecimento de Menno, comunicavam-lhe que receberia instruções do verdugo, apesar de que previamente haviam avisado a um dos amigos de Menno, que estavam dispostos a recebê-lo para discutir questões doutrinárias.

Vestígios de seus trabalhos na Renânia (Território do Reno) conservaram-se nas confissões e testemunhos de alguns mártires. Entre os lugares mencionados que pregou, figuram Fischerwerst e Illekoven. Neste último, Menno viveu com um diácono chamado Lemke. Um mártir foi executado por transportar a Menno Simons e a outros dois homens num bote desde a sua casa em Fischerwerst pelo rio Mosa a Roermornd. Quando o benigno governo do arcebispo Herman chegou ao seu fim por ter sido deposto, começando a derrota dos príncipes protestantes na guerra de Smalcald em 1546, e o catolicismo se restabelecendo em toda a província, então Menno se viu obrigado a abandonar Colônia.

CAPÍTULO V

Atividades em Holstein

(1546-1561)

Forçado a abandonar os territórios do Reno, Menno fugiu com sua esposa enferma e com seu pequeno filho para o território de Holstein, que ficava ao noroeste de Hamburgo, sobre a costa do Báltico. Já alguns pequenos grupos de Menonitas fugindo da perseguição na Holanda, haviam procurado refúgio nesta região, que estava sob a soberania do rei da Dinamarca, e por isso, fora do alcance das leis anti “Anabatistas” do império. Ignora-se o local onde Menno tenha se estabelecido na sua chegada. Mesmo tendo vivido por um tempo na cidade de Wismar; a sua residência definitiva foi o pequeno povoado de Wuestenfelde, não distante de Oldesloe, a meio caminho das cidades Hanseáticas de Hamburgo e Lübeck. A primeira evidência da presença de Menno em Holstein foi a sua participação num debate teológico em Lübeck em 1546, com Nicolás Blesdijk, genro e prosélito do célebre David Joris e líder da seita dos Davidienses.

David Joris, flamengo, nascido em Bruxelas, foi um dos caracteres mais conhecidos e interessantes produzidos pela Reforma. Rapidamente tornou-se Luterano ardente, mas em 1541 caiu sob a influência dos ensinamentos de Melchior Hofmann e se uniu ao grupo dos Melchioritas. Mais tarde uniu-se aos Obbenitas e parece que foi ordenado ministro por Obbe Plillips antes que Menno Simons se unisse ao grupo. No entanto, quando Joris se contaminou com as doutrinas Münsteritas e adotou as tendências fanáticas, por volta do ano de 1536, os

Obbenitas o expulsaram. A partir desse momento, Joris iniciou um movimento de partidários que foram conhecidos com o nome de Davidienses, mesmo nunca tendo sido numerosos. Finalmente em 1544, oprimido pelas perseguições e tribulações, os abandonou e adotando o nome de João de Bruxelas, refugiou-se em Basel, onde morreu em 1556.

O ensino de Joris era uma estranha mistura de fanatismos teológicos e paradoxos. Pretendia ter recebido uma chamada divina para ser profeta e estabelecer o reino de Deus na terra, sobre o qual ele deveria reinar como o terceiro David. Chegou tão longe em sua doutrina, até mesmo ensinando que a obra e revelação de Cristo não eram suficientes e que as Sagradas Escrituras seriam substituídas pelas suas próprias obras literárias inspiradas, que continham a revelação final de Deus. Seu conceito do pecado carnal era tal que ensinou que o homem interior não era afetado pelo que a carne fizesse, e portanto as obras mais grosseiras que esta cometesse, não seriam consideradas como pecado. Como consequência deste ensino, apareceram entre os Davidienses muitos pecados e imoralidades, incluindo adultério e poligamia.

Menno havia atacado a David Joris e seus ensinamentos desde o primeiro momento. Incitado pelos ataques de Menno nos “Fundamentos”, Joris escreveu-lhe uma carta desafiando-o a preparar-se para um grande debate. Menno replicou energeticamente ao desafio de Joris numa vigorosa carta escrita em 1542, onde indicava que um maior contato entre os dois era impossível, visto que cada um estava sobre plataformas radicalmente opostas, já que Menno seguia a Cristo e a Sua Palavra, enquanto que Joris seguia os seus estúpidos e egoístas sonhos e alucinações. Logo pedia a Joris que deixasse de escrever-lhe, pois não

iria ler mais nem uma de suas cartas até que aprendesse a respeitar e a honrar a Palavra de Cristo.

Quando Joris desapareceu do mundo, assumindo o pseudônimo de João de Bruxelas, colocou-se um fim a questão pessoal, mas não ao conflito entre Menno e os Davidienses. Numa casa de campo próxima de Lübeck, Menno participou de um longo debate com o já mencionado Nicolás Blesdijk, no qual tratou-se do batismo e de outras questões. Menno foi apoiado no debate por Dirk Philips, Leonard Bouwens, Gillis de Aachen e Adam Pastor. Foram impressas versões deste debate, mas parece que foram perdidas. No entanto, Blesdijk descreve o encontro em vários de seus livros, especialmente em um publicado em 1546 sob o título “Vindicação e Refutação Cristã ... da carta escrita por Menno Simons”. Entre os diversos pontos de discrepância entre Davidienses e Menonitas, destaca-se um. Menno e seus fiéis sustentavam que a doutrina da Igreja e de sua correta organização e disciplina, era um dos princípios mais importantes do Cristianismo, enquanto que os Davidienses não queriam aceitar nada disto. Para eles, a interpretação individual e Espiritual (como a chamavam) das Escrituras, era o centro e a base da doutrina Cristã.

A presença de outros quatro irmãos no debate de Lübeck com Blesdijk, faz supor uma cooperação organizada entre os Menonitas dessa época. É uma evidência para crer que os bispos dessa época começavam a realizar reuniões ou conferências ocasionais e que tinham um plano de cooperação, por meio do qual se designou a cada um, um território determinado onde era responsável direto pelo trabalho pastoral, disciplina e batismo dos novos convertidos. Foi designado para Bouwens o oeste (Holanda), Gillis de Aachen recebeu o território do Reno, Dirk Philips, a região de Dantzig e seus

arredores ao longo do Báltico, enquanto que Menno retinha o distrito central desde Friesland Oriental a Holstein e era reconhecido como chefe entre os bispos. Acredita-se que Dirk Philips era bispo desde antes que Menno fosse ordenado em 1536. Gillis de Aachen foi ordenado bispo por volta de 1542, enquanto que Bouwens não o foi até 1551. Infelizmente o líder primitivo dos “Anabatistas”, Obbe Philips, havia se desanimado em 1541 e havia abandonado a causa pela qual serviu com tanto empenho. Menno o considerava um apóstata.

Os bispos já mencionados, junto com outros, se reuniam oportunamente em vários lugares. Em tais assembléias informava-se sobre as condições dos diferentes campos, discutiam-se problemas, resolviam-se sérios casos de disciplina e ordenanças para a Igreja. A reunião de Lübeck de 1546 na ocasião do debate com Blesdijk, é a primeira que se recorda. Pelo menos duas outras assembléias foram realizadas no ano seguinte, 1547, sendo uma em Emden e outra em Goch.

O assunto principal que foi considerado nestas reuniões foi o erro da doutrina que se havia colocado públicamente no ensino de Adam Pastor (Roelof Martens) um dos dirigentes que havia sido ordenado em 1542 por Menno Simons e Dirk Philips. Pastor discordava quanto a divindade de Cristo, pois sustentava que Cristo não existia como Filho de Deus antes da sua vinda ao mundo, e que era divino depois da Sua encarnação unicamente no sentido de que Deus morava nele. Aceitava a autoridade da Bíblia como Palavra de Deus, mas buscava apoio para a sua heresia em certas interpretações particulares. Na primeira reunião de 1547 em Emden, os bispos tinham esperança de que Pastor voltaria a sua primitiva posição doutrinária. Apesar disso, a esperada mudança não ocorreu e portanto, na segunda reunião do mesmo ano em

Goch, Pastor foi excomungado. Ele acusa a Menno pela sua excomunhão, ainda que existam evidências de que foi Dirk Philips quem pronunciou as palavras do anátema em nome de todos.

A princípio Pastor obteve êxito garantindo alguns prosélitos e causando alguns distúrbios na Igreja. Para opôr-se a influência das suas idéias, Menno escreveu em 1550 um folheto sobre a deidade de Cristo, intitulado “Confissão do Deus Trino”. Em termos seguros afirma o ensino bíblico sobre este tema e previne a Igreja energeticamente contra a nova doutrina, que é uma perversão da doutrina fundamental do Evangelho. O folheto de umas vinte páginas circulou entre as igrejas em forma de manuscrito. Mais tarde os irmãos de Groningen imprimiram uma cópia.

O último encontro de Menno e Adam Pastor ocorreu no debate de Lübeck em 1552. O propósito da excomunhão de 1547 foi duplo; primeiramente proteger a Igreja e segundo, fazer com que o homem considerasse o erro do seu caminho, com a esperança de restabelecê-lo. Esperando que Pastor fosse persuadido a voltar, Menno concordou com a entrevista em 1552. De acordo como o informe do próprio Pastor, o esforço foi em vão. Pouco depois se tem notícias dos seguidores de Pastor. Depois de um período de atividades na Renânia e em Westfália, Pastor morreu em Münster. Seus seguidores, que não foram muitos, desapareceram gradualmente.

Tem se dito antes que o território designado a Menno como bispo, compreendia o pastorado da região do norte da Alemanha, o leste de Groningen até a Prússia, incluindo Friesland Oriental, Oldenburg, Holstein, Mecklenburg e possivelmente a Pomerânia. As suas viagens as vezes chegaram até fora destes territórios. Em 1547 assistiu a reunião de anciãos em Goch; em abril de

1549 esteve em Friesland Oriental próximo de Leewarden; e no verão de 1549 visitou aos Irmãos na Prússia. Esta visita é narrada pelo próprio Menno numa carta aos irmãos daquele lugar, datada de outubro de 1549. A carta consiste principalmente num chamado para manter a paz e a união que havia sido restabelecida entre eles depois que uma séria controvérsia teve fim com a visita de Menno, no verão anterior.

Menno tinha apenas acabado de chegar de dirimir as dificuldades na Prússia, quando sentiu necessidade de fazer uma viagem para as congregações ocidentais com uma missão similar. A influência do ensino herético de Pastor acerca da deidade de Cristo, ainda causava distúrbios, e haviam surgido novas dissidências sobre a aplicação do anátema nas excomunhões. Sobre ambos tópicos Menno escreveu dois folhetos em 1550. O dirigido contra Pastor já foi mencionado; o segundo se intitulava “Uma Exposição Clara da Excomunhão”. Este último, de umas quarenta e cinco páginas foi distribuído entre as igrejas em forma de manuscrito. Não foi impresso até 1597. Versava sobre o objeto, prática e alcance do anátema e estava dirigido diretamente contra aqueles que desejavam aplicá-lo unicamente em questões espirituais. No transcórre da sua viagem ao ocidente, ocorreu uma conferência em Emden em 1549, na qual, entre outras coisas um dos ministros, Francis Kuyper, foi excomungado por Menno devido a que sustentava pontos de vista sem base bíblica sobre a justificação pela fé e outros pontos.

Fora os dois breves folhetos de 1550 (que não foram impressos de imediato) escassas cartas muito breves e quatro petítórios curtos escritos em 1551 e 1552, Menno não publicou nada de importância entre 1541 e 1554, exceto a sua “Réplica a Gellius Faber” em 1552, um livro

com duzentos e cinqüenta e cinco páginas aproximadamente. Uma das razões foi talvez, o fato de encontrar-se muito ocupado com as suas viagens e com o cumprimento de suas obrigações como bispo, que não lhe deixavam tempo livre para escrever. Outra razão terá sido a dificuldade de conseguir editores que imprimissem os seus livros. Os quatro petítórios mencionados estavam dirigidos de forma geral para as autoridades civis e aos homens entendidos e mestres das igrejas Reformadas do Estado e Luteranas da Alemanha. A finalidade destes petítórios era refutar a acusação de heresia e de fanatismo que recaiam constantemente sobre os Menonitas. Neles Menno assegurava com termos mais enérgicos que nem ele nem os seus paroquianos tinham relações de nenhuma natureza com Münster, e que o seu único propósito era ser fiéis Cristãos e crentes verdadeiros da Bíblia. Também solicitava debates públicos nos quais teria a oportunidade de refutar as falsas acusações de seus inimigos.

A “Réplica a Gellius Faber” anteriormente mencionada, era uma extensa exposição de seis assuntos fundamentais: a chamada de obreiros, batismo, ceia do Senhor, anátema, igreja e encarnação. Faber, Pastor Reformado de Emden, junto com a’Lasco havia atacado as doutrinas dos Menonitas, ainda que sem dirigir os seus ataques especialmente contra Menno. Este é o livro mais extenso de Menno, ainda que de escassa importância, pois nele somente repete as doutrinas expostas anteriormente. O mais importante nele é o relato que faz da sua conversão e chamada ao ministério, que foi reimpresso mais tarde em separado.

Durante o inverno de 1553-1554, Menno passou uma temporada na cidade Hanseática de Wismar na costa do Mar Báltico entre Lübeck e Rostock. Ali alternou com a congregação Menonita, ainda que se esforçava por manter

incógnito o lugar da sua residência. Apesar da sua intenção de manter o segredo, se viu envolvido de forma sumamente interessante numa discussão teológica com dois ministros Reformados. Aconteceu mais ou menos assim. Uma embarcação com refugiados procedentes de Londres, que haviam abandonado a Inglaterra por causa das perseguições, chegou no porto de Wismar em 21 de dezembro de 1553. Os Menonitas da cidade foram os únicos dispostos a socorrer os refugiados necessitados, cuja embarcação havia ficado bloqueada no gelo a pouca distância da costa. Durante estas comunicações os dois grupos se viram envolvidos numa discussão doutrinária de tal magnitude, que o chefe dos refugiados, Herman Backereel, pediu uma entrevista com Menno Simons. Isto ocorreu em 26 de dezembro de 1553. Sentindo a necessidade de apoio, o grupo de Reformados chamou para ajudá-los a Martin Micron de Norden em Friesland Oriental, um de seus dirigentes. Menno e Micron mantiveram duas extensas discussões na presença de muitos amigos e interessados; ambas se realizaram na casa que Menno habitava, em 6 e 15 de fevereiro de 1554, respectivamente. Os tres debates: o mantido com Beckereel e os dois com Micron, foram realizados no mais estrito segredo e sob a promessa do grupo de Reformados de não revelar para as autoridades, o refúgio de Menno. O debate de 6 de fevereiro tratou sobre o batismo, encarnação, juramento, divórcio, chamada de ministros, exercício da autoridade civil, e terminou amistosamente. O segundo, a pedido de Micron, que conhecia o ponto fraco de Menno, ficou reduzido exclusivamente a questão da encarnação e terminou com aborrecimentos para ambas as partes. Não se deu a conhecer a versão destes debates até 1556, em que Micron publicou um livro intitulado: “Um Relato Verídico” que contém uma versão parcial e

até certo ponto falsa, do ocorrido, incluindo acusações pessoais contra Menno. Este, respondeu-lhe logo depois com “Réplica Clara e Concretizada” de cerca de duzentas páginas, uma das obras mais extensas de Menno. Dois anos depois, em 1558, Micron voltou ao combate com o livro intitulado: “Chamado a Prestar Contas” (A Reckoning).

Imediatamente depois do debate com Micron em 1554, Menno participou em outra importante reunião em Wismar, mas de caráter muito diferente; uma conferência de bispos e dirigentes da Igreja Menonita. Vários casos de disciplina haviam criado dificuldades, pelo quais tornava necessária uma assembléia de pastores para garantir e manter a unidade e harmonia na Igreja. O resultado da conferência foi uma série de nove resoluções que tratavam sobre assuntos como: o matrimônio com pessoas alheias a Igreja, aplicação do anátema, utilização dos tribunais de justiça, porte e uso de armas, e a necessidade de autorização da Igreja e do bispo para pregar. Infelizmente o texto em que foram preservadas estas resoluções, está tão adulterado que é impossível conhecer com toda a certeza o seu conteúdo original. Sete bispos participaram nesta reunião presidida por Menno. Assistiram entre outros, Dirk Philips, Leonard Bouwens e Gillis de Aachen. Sobre a aplicação do anátema, as resoluções foram muito severas; tanto, que numa conferência celebrada em Estrasburgo, em 1557, os irmãos da Suíça e sul da Alemanha decidiram redatar uma resolução discordando com as de Wismar e enviar dois delegados a Menno Simons para solicitar-lhe que moderasse a atitude adotada pelos bispos do norte da Alemanha.

A crescente pressão exercida pelas autoridades civis eclesiásticas de Wismar contra os Menonitas fez com que finalmente Menno resolvesse abandonar a cidade. Por esta

razão mudou a sua residência durante o verão ou o inverno de 1554 para uma localidade ocidental, próxima a cidade de Oldesloe, entre Lübeck e Hamburgo. Certo nobre, chamado Bartolomé von Ahlefeldt que vivia nas imediações, permitia desde 1543 que os Menonitas que fugiam da perseguição se refugiassem em suas terras, chamadas “Fresenburg”. Um impressor Menonita de Lübeck que tinha uma imprensa clandestina na qual imprimia grande número de livros Menonitas assim como Bíblias e concordâncias, que eram distribuídas a distâncias tão afastadas como Amsterdã, também se viu forçado a procurar um lugar mais seguro para as suas atividades. Primeiramente foi para Oldesloe, onde confiscaram-lhe dez tonéis de livros, e finalmente a Freseriburg, onde possivelmente chegou no final de 1554. Ainda que não se tenha provado, é possível que este impressor fosse o editor de Menno, ou talvez o próprio Menno, já que efetivamente, Menno foi de Wismar a Lübeck e dali para Oldesloe e finalmente a Fresenburg. É mais provável no entanto, que o impressor fosse um generoso membro da Igreja e amigo de Menno, pois é bem conhecido que este permaneceu pobre até o fim de seus dias. Nesta época Menno se estabeleceu em Wuestenfelde, povoado do território de Fresenburg.

Como a perseguição estava se fortalecendo na região circundante, os Menonitas, em número cada vez maior, encontravam um seguro refúgio sob a proteção do Barão von Ahlefeldt em Fresenburg e Wuestenfelde. O rei da Dinamarca tratou de persuadir a von Ahlefeldt que mudasse a sua política de tolerância e que expulsasse aos Irmãos, mas ele se opôs, pois havia sido favoravelmente comovido em seus dias juvenis pela firmeza dos Menonitas, sob perseguição, sofrimento e morte. Em Fresenburg e Wuestenfelde, Menno encontrou tempo e tranqüilidade

para revisar muitos dos seus primeiros escritos e traduzí-los do original para o dialeto que se falava nessa comarca, chamado “Oosterche” ou dialeto oriental. Todas as suas obras posteriores foram escritas neste dialeto. Um total de dez livros e folhetos foram impressos em Lübeck e Fresenburg durante os anos 1554-1561.

Os últimos anos da vida de Menno foram bastante amargurados por causa de sérias e as vezes graves controvérsias entre as igrejas do Oeste sobre assuntos de disciplina, particularmente a respeito da severidade na aplicação do anátema e a separação dos membros excomungados. Já em 1550, no seu pequeno livro sobre “Excomunhão” Menno havia expressado o seu desejo de evitar aborrecimentos posteriores por causa desta questão. As divisões mais graves ocorreram depois da morte de Menno.

As primeras notícias desta grave controvérsia chegaram ao conhecimento de Menno em 1555 na forma de uma carta de cinco irmãos “de boa reputação” que viviam em Franeker Oeste e Friesland Oeste, na qual relatavam que alguns desejavam que não se aplicasse a excomunhão sem três admoestações prévias, exceto em casos de pecado muito grave. Menno aprovou este procedimento mais moderado mesmo contra os que exigiam uma imediata e rude excomunhão sem admoestações.

Outro assunto que originou grandes aborrecimentos foi o de isolar-se ou evitar as pessoas excomungadas, particularmente tratando-se de membros da mesma família. Como a polêmica crescia, foram enviadas a Menno carta atrás de carta desde a Holanda, rogando-lhe que falasse algo a respeito. Leonard Bouwens apoiava os extremistas na sua exigência e quando finalmente expulsou a uma mulher casada de Emden, porque recusava afastar-se de seu marido, Menno se viu obrigado

a tomar uma determinação. Numa carta datada de 12 de novembro de 1556, protesta energeticamente contra as crenças e práticas extremas. Fez uma viagem de Holstein a Friesland Ocidental, na esperança de promover a unidade e a harmonia, mas conseguiu êxito somente em parte, pois a divisão pareceu ter persistido. Voltou a Wuestenfelde com o coração dolorido e quebrantado pelo lamentável estado em que se encontrava a Igreja que amava com toda a sua alma. Seus sentimentos estão bem expressos numa carta dirigida ao seu cunhado Reyn Edes em 1558: “Reyn, meu irmão! Se pudesse estar contigo ainda que fosse somente por meio dia para contar-lhe algo da minha dor, aflição e amargura e da pesada carga que tenho que suportar pelo futuro da Igreja ... Se Deus Todo-poderoso não tivesse me fortalecido durante o ano passado, como continua fazendo, eu teria perdido o juízo. Não há nada sobre a terra que ame mais do que a Igreja; e é precisamente por ela que devo padecer toda esta aflição”.

A posição definitiva de Menno a respeito da excomunhão criaria para ele novas dificuldades com outros grupos de Menonitas da Renânia e sul da Alemanha. Em abril de 1556, antes que fosse a Friesland Ocidental, dois membros dos territórios do Reno, chamados Zylis e Lemke, junto com outros, o haviam visitado em Wuestenfelde a fim de discutir a questão do anátema e da separação. Eles se inclinavam a uma menor severidade. Deixaram a Menno somente parcialmente convencido, mas consentiu em considerar o assunto a fundo e explicá-lo diante de alguns irmãos do sul da Alemanha em procura de conselho. Menno entregou a Zylis uma exposição escrita da sua posição para apresentar aos referidos irmãos.

Quando em 1557 manifestaram a opinião final de Menno a respeito da separação diante de uma importante

assembléia em Estrasburgo, a qual assistiram cerca de cinquenta bispos de muitos lugares, encontraram uma enérgica e negativa reação. A assembléia resolveu rejeitar a separação dos cônjuges por excomunhão de um deles e redatou uma carta dirigida a Menno e a seus colegas do norte da Alemanha, contendo uma veemente súplica a favor de maior indulgência quanto a romper todo tipo de relações com os excomungados. Na carta expressavam o seu ardente desejo de estarem unidos e em paz com seus irmãos do norte. Também manifestavam o seu desacordo com a teoria pessoal de Menno a respeito da encarnação.

A apelação da conferência de Estrasburgo seria em vão. A unidade não foi conseguida, pois os irmãos do norte eram implacáveis no que se referia a separação. No ano de 1558, Menno e Dirk Philips publicaram os respectivos tratados sobre o assunto em discussão. No tratado de Menno intitulado: “A Excomunhão” estava claramente exposta a sua severa atitude sobre a separação, que incluía a ruptura de todos os laços humanos, até os do matrimônio e da família, devendo ocorrer unicamente no caso de excomunhão da Igreja. Este folheto provocou sérias controvérsias. Zylis e Lemke encabeçaram a oposição, pelo que Menno se viu obrigado a publicar um folheto contra eles em janeiro de 1560, intitulado: “Réplica a Zylis e Lemke”. Neste folheto que foi o seu último escrito, Menno defende a sua posição e finalmente anuncia que não poderia continuar considerando irmãos a tais homens.

A vida de Menno depois deste episódio, não foi muito longa. A sua saúde nunca havia sido muito boa, e a vida de asperezas e privações, bem como o peso das igrejas, minaram a sua escassa resistência, particularmente depois de ter fraturado uma perna em Wismar, o qual o obrigava a usar muletas as vezes. A morte o alcançou em seu leito de enfermidade em 31 de janeiro de 1561, exatamente

vinte e cinco anos depois da sua renúncia ao catolicismo em Witmarsum. A sua esposa o havia precedido na morte entre os anos 1553 e 1558, assim como dois filhos, um menino e uma menina; somente uma filha sobreviveu. Foi sepultado em seu próprio jardim em Wuestenfelde. Infelizmente não se pode determinar com exatidão o lugar, devido a devastação de Wuestenfelde durante a Guerra dos Trinta Anos, ainda que se tenha estabelecido o mais aproximadamente possível em 1906, data em que se erigiu um modesto memorial em testemunho da obra de Menno a serviço de Deus e da Igreja que tanto amou.

CAPÍTULO VI

A importância de Menno Simons

Menno Simons não é o fundador da Igreja Menonita. Esta foi fundada em Zurique, Suíça, em janeiro de 1525 por Conrad Grebel, Félix Manz, George Blaurock e outros, onze anos antes que Menno renunciasse ao Catolicismo. Tampouco fundou a Igreja da Holanda. Se alguém merece este título, é Obbe Philips que em 1533 começou a congregar aos Irmãos em Friesland. Mas apesar disto, existe uma razão histórica para que a Igreja Menonita ostente o nome de Menno Simons, pois em tempos de grande necessidade Menno foi o guia enviado do céu que encaminhou os escassos e espalhados crentes, dando-lhes o exemplo que necessitavam, em fé, espírito e doutrina. Foi ele quem os dirigiu com segurança e os fez passar a salvo por épocas de tribulação “apesar de perigos, fogo e espada”.

A grandeza de Menno não reside tanto na sua eloqüência, ainda que era um bom orador, nem na sua arte literária, ainda que podia escrever bem para o povo comum. Não era um grande teólogo, ainda que sabia apresentar os ensinamentos da Bíblia com força e clareza. Tampouco foi um grande organizador, ainda que prestou um verdadeiro serviço para a nascente Igreja mediante a orientação que deu a bispos e pastores. Mas Menno foi um dos grandes líderes religiosos de sua época e de sua nação, talvez o mais notável dos Países Baixos, em seu tempo. A sua obra e influência tem tido um valor permanente na história da Igreja que leva o seu nome e através delas, a sua importância tem chegado ao maior número de igrejas livres da Inglaterra e da América.

A grandeza de Menno Simons reside em três fatores essenciais: seu caráter, seus escritos, sua mensagem. Seu caráter constituiu uma força firme, segura, construtiva, nos longos e duros anos de perseguição e angústia, desde 1535 a 1560, com a sua profunda convicção, devoção inabalável, valor intrépido, e serena confiança. Seus escritos, ainda que pareçam ao considerá-los em conjunto, repetidos e insignificantes, incluem alguns tratados admiráveis para a época, sutis, simples, bem ajustados ao seu propósito. Chegaram ao povo comum no seu devido tempo e foram poderosos agentes para a edificação e fortificação da Igreja e para conseguir novos aderentes. Mas, mais do que tudo, foi a mensagem de Menno, o que fez dele o grande líder de uma grande causa. Não construiu um novo sistema de Teologia, nem descobriu um princípio novo, nem algum que tenha sido por um longo tempo esquecido; alcançou, simplesmente uma clara visão dos ideais bíblicos fundamentais: o ideal da santidade prática e o ideal do alto posto da Igreja na vida do crente e na causa de Cristo.

Sobre a base do primeiro ideal, lutou por uma genuína e constante mudança de vida e de prática cristã como Cristo a ensinou e viveu; a vida de justiça, santidade, pureza, amor e paz. Para ele, o Cristianismo era algo mais do que uma mera fé; era fé e obras. E este Cristianismo prático significava para Menno o abandono absoluto por parte do cristão, de todo tipo de contenda e guerra, em fim, do uso da força em qualquer forma, assim como a completa separação do pecado da sociedade mundana. O ideal da Igreja que Menno sustentava, era o princípio da doutrina e vida cristãs em seu conceito cabal. Para ele, a Igreja era a representante e agente de Cristo no mundo, e como tal, devia manter-se santa e pura na vida e doutrina e dar um fiel testemunho até a Sua segunda vinda. Estes

ideais de Menno tem sido os principais nos quatrocentos anos de história menonita, porque também tem sido compartilhados pelos Menonitas Suíços e Alemães do sul, e constituem o canon da Igreja Menonita. Deles surgiu a idéia da completa separação da Igreja e do Estado, da tolerância e liberdade de consciência, de normas sociais e morais elevadas, da pregação e prática da paz, da absoluta soberania de Cristo sobre os seus neste mundo, ideais todos avançados para a sua época, mas que ainda hoje em dia constituem legítimamente a possessão comum e muito apreciada de uma grande parte do Protestantismo Inglês e Americano.

Não é tanto pela grandeza de Menno Simons, o homem, nem pelas suas proezas humanas, que rendemos este tributo de admiração; a nossa admiração é dirigida a grandeza dos ideais e convicções que possuía a sua alma e governavam a sua vida, e que tem sido motivo de bênção para inumeráveis seres desde os seus dias.

CAPÍTULO VII

Resumo dos escritos de Menno Simons sobre a doutrina Cristã

PARTE 1

1. A Autoridade das Escrituras.

Querido leitor: admoesto e aconselho-te que se procura a Deus com todo o teu coração e não quer ser enganado, não deve depender dos homens nem de suas doutrinas, não importa o quão antigas, santas e excelentes que sejam consideradas, pois os teólogos se contradizem entre si, tanto nos tempos passados como nos atuais. Baseie-se em Cristo unicamente e em Sua Palavra, no ensino seguro e prática de seus santos apóstolos e será pela graça de Deus, preservado de toda falsa doutrina e do poder do diabo e andará diante de Deus confiante e piedosamente. (L37). Esta santa Igreja Cristã tem somente uma doutrina: a Palavra de Deus pura, sem mistura e sem adulteração, o Evangelho da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo. Todo ensino e mandamento que não concorde com a doutrina de Cristo, sejam eles ensinamentos e opiniões de doutores, mandamentos de papas, concílios ecumênicos ou o que for, não são mais do que ensinamentos e mandamentos de homens (Mateus 19:5) doutrinas diabólicas (1ª Timóteo 4:1) e portanto, malditas (Gálatas 1:8). Não ensinamos nem escrevemos, senão a Palavra pura e divina e os mandamentos perfeitos de Cristo Jesus e seus apóstolos. (II:193b).

Visto que Gellius apela a Tertuliano, Cipriano, Orígenes e Agostinho, a minha resposta é, primeiro: se estes escritores podem apoiar o seu ensino com a Palavra de Deus e seus mandamentos, estou disposto a admiti-los. Do contrário é doutrina de homens, e maldita de acordo com as Escrituras. (Gálatas 1:8). (II:49a).

Falamos a verdade e não mentimos. Se qualquer um, sob a abóbada celeste, pode demonstrar com as Sagradas Escrituras que Jesus, o Filho do Deus Altíssimo, a sabedoria e verdade eternas ao qual unicamente reconhecemos como o legislador e mestre do Novo Testamento, tenha ordenado uma só palavra a este respeito (Batismo Infantil), ou que seus santos apóstolos ou ensinaram ou praticaram, não será necessário recorrer a tortura nem a força para convencer-nos. Mostra-nos somente a Palavra de Deus a respeito e tudo terminará. (I:31a) . Considero necessário e conveniente aconselhar aos meus bem amados leitores que não aceitem a minha doutrina como o Evangelho de Jesus Cristo até que tenham investigado por si mesmos e comprovado que concordam com o Espírito e Palavra do Senhor, assim a sua fé não estará fundada em mim ou em nenhum outro mestre ou escritor, mas unicamente em Jesus. (II:248b).

2. A Trindade de Deus.

Creemos e confessamos com as Sagradas Escrituras que há um só eterno Deus, criador do céu e da terra, do mar e de tudo o que contém; um Deus a quem o céu e o céu dos céus não podem conter, cujo trono é o céu e a terra o escabelo de Seus pés. Deus de deuses e Senhor de senhores, que é sobre tudo, poderoso, santo, terrível, digno de louvor e admiração; fogo consumidor; cujo reino, poder, domínio, majestade e glória são eternos e durarão

para sempre ... E visto que é um Espírito tão grande, temível e invisível, também é inexplicável, inconcebível, indescritível. (II:183).

Neste único, eterno, onipotente, inefável, invisível, inexprimível e indescritível Deus cremos, e confessamos com as Sagradas Escrituras ser o eterno, incompreensível Pai com o seu eterno incompreensível Filho e com o seu eterno incompreensível Espírito Santo. Confessamos que o Pai é verdadeiro Pai, o Filho verdadeiro Filho e o Espírito Santo verdadeiro Espírito Santo, não carnal e compreensível mas espiritual e incompreensível, pois Cristo disse: Deus é Espírito. (II:183) . João disse: “Três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um.” Leia também Mateus 28:19; Marcos 1:8; Lucas 3:8; João 14:16;15:26; 1ªCoríntios 12:11. E ainda que são três, são um em divindade, vontade, poder e operação, e não podem ser separados um do outro, como sol, luz e calor; pois um não existe sem o outro. (II: 187).

Queridos irmãos, declaro que antes prefiro morrer do que crer ou ensinar aos meus irmãos uma simples palavra concernente ao Pai, ao Filho ou ao Espírito Santo em desacordo com o expresso testemunho da Palavra de Deus, que tem sido tão claramente dado pela boca dos profetas, evangelistas e apóstolos. (II:188b).

3. Cristo, Sua Divindade e Humanidade.

Cremos e confessamos que Jesus Cristo é o primeiro e Unigênito Filho de Deus, o verbo eterno e incompreensível, pelo qual todas as coisas foram criadas; o primogênito de toda criatura. (Colossenses 1:15). Que se fez homem real em Maria, a virgem imaculada, pelo Espírito e poder do Pai Eterno e Todo-poderoso, além da

compreensão e conhecimento dos homens; enviado e dado a nós por pura misericórdia e graça de Deus; imagem manifesta do Deus invisível e resplendor da Sua glória. (Hebreus 1:3). (I:113).

E o incompreensível, inexprimível, espiritual, eterno e divino Ser, que é divinamente e incompreensivelmente Unigênito do Pai, anterior a toda criatura, cremos e confessamos que é Cristo Jesus o primeiro e Unigênito Filho de Deus, as primícias de toda criatura, a sabedoria eterna, o poder de Deus, a luz eterna, verdade e vida, o verbo eterno.

Irmãos amados, entendam-me bem; tenho falado de sabedoria eterna, poder eterno. Porque assim como cremos e confessamos que o Pai é desde a eternidade e será por toda a eternidade, e que além disso é o Primeiro e o Último, também cremos e confessamos que a Sua sabedoria, Seu poder, Sua luz, Sua verdade, Sua vida, Seu verbo Cristo Jesus, tem sido desde a eternidade com o Pai e no Pai, visto que Ele é o Alfa e o Ômega. Do contrário, teríamos que confessar que este unigênito, incompreensível Ser verdadeiramente divino, Cristo Jesus, que os Pais da Igreja chamam de pessoa, pelo qual o Pai Eterno fez todas as coisas, teve um princípio como toda criatura; idéia que todos os cristãos, consideram como blasfêmia, maldição terrível e abominação. (II:184).

Que possuía uma natureza humana real, tanto como divina, é demonstrado pelos fatos que evidenciam a realidade de sua natureza humana, sentindo-se faminto, sedento, fatigado, suspirava, sofria canseira, sofrimento e morte. (II:329).

Considerai, fiéis irmãos, apegue-se ao incompreensível nascimento de Cristo, Sua glória divina e numerosos, preciosos e claros testemunhos dos santos profetas,

evangelistas e apóstolos, todos os quais com clareza e poder irrefutáveis testemunharam e indicaram a verdadeira e incompreensível divindade de nosso Senhor Jesus Cristo. (II:186b). Cremos e confessamos que Cristo Jesus com seu Pai Celestial são o verdadeiro Deus, pelo claro testemunho dos santos profetas, evangelistas e apóstolos. (II: 186a).

Afirmo que no que se refere a este incompreensível e sublime assunto, não tenho tido a nenhum sábio por conselheiro, mas que me baseio na Palavra do meu Deus, que me ensina claramente ... (II:398a). Apesar de que se humilhou a si próprio, por amor a nós, deixando de lado os seus divinos privilégios, direitos e majestade, continuou sendo Deus e o Verbo de Deus. (II:164a) Cristo é verdadeiro Deus e homem, homem e Deus (II:330b; e II:135b). Reconheço ambas naturezas em Cristo, a divina e a humana. (II:375b).

4. A Encarnação.

Observe fiel leitor; assim como eu não compreendo ao Todo-poderoso, único e eterno Deus na sua natureza divina, no domínio da sua glória, na criação e preservação das suas criaturas, na recompensa do bem e do mal, e em muitas das suas obras, no entanto creio nele como tal e por esta razão: porque as Escrituras o ensinam; da mesma forma não posso compreender como, nem de quê modo o Verbo Eterno se fez carne ou homem em Maria. No entanto devo crer que foi assim porque as Escrituras o ensinam. (II:160b). Visto que sabemos claramente que o Espírito Santo não nos revelou este mistério (o da Encarnação) nas Sagradas Escrituras de nenhuma forma, nem pelos profetas, nem pelos apóstolos, nem pelo próprio Filho, e já que está claro que não pode ser sondado pela

razão.. . E por sua vez sabemos que pela história e encontramos em nossos dias que muitos entendidos ficaram perdidos nas trevas impenetráveis, aconselho a todas as almas piedosas que queiram andar diante de Deus com a consciência limpa, não especular a respeito deste inefável e indescifrável mistério da Divindade Eterna, nem chegar a conclusões, assegurar, ensinar ou ir além do que o Espírito Santo nos tem ensinado e revelado na sua santa Palavra. (II:369). E portanto, declaro que não tenho a intenção de argumentar sobre este ponto inexplicável, mas que quero seguir a Palavra de meu Deus que é completamente clara a respeito. (II:398a).

5. O Espírito Santo.

Havendo concretizado e confessado a nossa fé e doutrina da divindade de Cristo, trataremos agora com a ajuda de Deus, de expor em poucas palavras a nossa fé e doutrina do Espírito Santo. Os temerosos de Deus julgarão. Cremos que o Espírito Santo é um Espírito Santo Pessoal, real ou verdadeiro, no sentido divino, assim como o Pai é verdadeiro Pai e o Filho verdadeiro Filho; cujo Espírito Santo é (em sua natureza) incompreensível, indescritível e inexprimível, como testemunhamos a respeito do Pai e do Filho. É divino em Seus atributos, procede do Pai por meio do Filho, ainda que sempre permaneça com Deus e em Deus, e que nunca está separado em Sua natureza do Pai e do Filho. A razão pela qual confessamos que é uma pessoa real e verdadeira é porque as Escrituras assim o ensinam. (II:186b). Ele nos guia a toda verdade, Ele nos justifica; nos limpa, santifica, pacífica, consola, reprova, anima e assegura. Ele dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. SIM, irmãos, pelas Escrituras tão explícitas,

testemunhos e referências e muitos outros textos que seria demorado enumerar, mas que devem ser procurados e lidos nas Sagradas Escrituras, cremos que o Espírito Santo é o verdadeiro Espírito de Deus, que nos completa com os Seus dons celestiais e divinos, nos livra do pecado, nos anima, pacífica, consagra, satisfaz os nossos corações e mentes, e nos torna Santos em Cristo. (II:187a).

6. O Pecado.

Assim como Adão e Eva foram contaminados e envenenados pela serpente infernal e se tornaram pecadores por natureza e ficaram sujeitos a eterna perdição, se Deus, por meio de Jesus Cristo não os tivesse recebido novamente na graça (depois que fizeram sua a promessa de Gênesis 3:15) como afirmava mais acima, todos nós, seus descendentes, somos por natureza pecadores de nascimento, envenenados pela serpente, inclinados ao mal e por nossa própria natureza inerente somos filhos do inferno.. . Não podemos salvar-nos dele (falamos dos que, chegados a idade do discernimento, cometem pecado) a menos que nós, por uma fé real e não fingida aceitemos a Cristo Jesus, o único e eterno meio de graça; e assim com os olhos da mente olhemos para a serpente de bronze, que fora levantada por Deus nosso Pai celestial como sinal de salvação para nós, pecadores miseráveis e contaminados. Porque fora dele e sem ele, não há salvação possível para as nossas almas, nem expiação, nem paz, mas somente desgraça, ira e morte por toda a eternidade. (II:261b). Aonde quer que estes dois, a saber, o pecado original - a mãe- e o pecado atual -os frutos- tenham evidência e poder, não haverá perdão e nem promessa de vida, mas que estarão sujeitos a ira e

morte, salvo no caso de arrependimento, como ensinam as Escrituras.

Para que o pecado original perca o seu poder sobre nós e para que os pecados atuais sejam perdoados, temos que crer na Palavra do Senhor, nascer de novo pela fé e com a força deste novo nascimento por meio do verdadeiro arrependimento, resistir ao pecado inato, morrer para com os pecados atuais e estar espiritualmente alerta. (II:313a).

Não conhecia a minha verdadeira condição até que me foi revelada por Teu Espírito. Eu acreditava que era cristão, mas quando me examinei cuidadosamente, comprovei que era completamente mundano, carnal e sem a Tua Palavra; então aprendi a conhecer, assim como Paulo, a minha cegueira, nudez, imundice, natureza depravada, e que nada de bom residia na minha carne. (I:217b).

7. A Expição.

Creio, que este bem pode ser chamado de Evangelho da alegria e boas novas para todas as almas convictas e aflitas, que por meio da lei chegaram ao conhecimento de seu pecado e sabem que estão em perigo da morte eterna; que tremem diante da justa ira e juízo de Deus, já que o Todo-poderoso e Eterno Deus e Pai amou de tal maneira a nós, pobres, desagregáveis pecadores, que tanto havíamos nos afastado dele e que de acordo com o seu justo juízo estávamos destinados a morte eterna, que mandou ao mundo o seu todo-poderoso e eterno Verbo, seu único, eterno e amado Filho, o esplendor de sua Glória, em forma de simples mortal, semelhante a Adão antes da caída, como prova e meio de sua graça, o qual, mediante a sua perfeita justiça, obediência voluntária e morte inocente

nos levou do domínio de Satanás para o reino da sua divina graça e eterna paz. (II:167a).

Por toda a eternidade não se encontrará outro remédio para os nossos pecados, nem no céu e nem na terra; nem nas obras, méritos e ordenanças (nem ainda nas que são observadas de acordo com as Escrituras) nem perseguição, nem tribulação, nem o sangue inocente dos santos, nem anjos, nem homens, nenhum outro meio, mas unicamente o imaculado sangue do Cordeiro, o qual, pela graça, misericórdia e amor, foi derramado uma vez para remissão dos nossos pecados. (I:155b).

Todos eles procuram algum remédio para os seus pecados, mas não reconhecem a Cristo, o único remédio verdadeiro; imaginaram e inventaram tantos, que não podemos contá-los nem descrever a todos eles: tais como as indulgências romanistas, água benta, jejuns, confissões, missas, peregrinações, batismo infantil, pão e vinho, etc. (I:51a).

Querido leitor; falamos à você a verdade em Cristo: pode acreditar, fazer, esperar e procurar aonde e o que quiser, estamos certos que por toda a eternidade não encontrará outro remédio para os teus pecados que sejam válidos diante de Deus, a não ser este que acabamos de mostrar-lhe, o qual é Cristo Jesus, a menos que toda a Escritura seja errônea e falsa. (I:51b).

Portanto, aqueles que procuram outro meio de salvação, não importa quão santo que possa parecer, fora do único meio providenciado pelo próprio Deus, negam a morte do Senhor, que padeceu por nós, e seu inocente sangue que foi derramado por nós. (I:52a).

Não há outro remédio para o pecado, senão o sangue precioso de Cristo; nem obras, nem méritos, nem batismo, nem ceia (ainda que sabemos que os verdadeiros cristãos

praticam estas cerimônias em cumprimento da Divina Palavra) de outro modo, o que conseguimos mediante os méritos de Cristo é atribuído aos elementos e criaturas. As ordenanças cristãs são sinais de obediência, por meio da qual se exercita a nossa fé. Entendemos que o novo nascimento se produz por meio da Palavra de Deus.(Romanos 10:14; 1ªCoríntios 4:15; Tiago 1:18; 1ªPedro 1:23).

8. Arrependimento.

Eis aqui, amado leitor, o arrependimento que ensinamos, a saber: morrer quanto a antiga vida pecaminosa e não viver mais de acordo com as concupiscências da carne, mas fazer o que Davi fez. Quando foi reprovado pelo profeta por causa de seu pecado, chorou amargamente, clamou a Deus, se afastou do pecado e não voltou a cometê-lo nunca mais. Pedro pecou gravemente somente uma vez. Mateus, depois da sua chamada não voltou para a sua antiga vida. Zaqueu e a mulher pecadora não voltaram a tornar-se culpáveis das obras impuras das trevas. Zaqueu fez a restituição do que havia defraudado e enganado e deu aos pobres e desamparados, a metade dos seus bens. A mulher chorou amargamente e lavou os pés do Senhor com as suas lágrimas, o ungiu com unguento precioso e se assentou humildemente a seus pés para escutar a sua bendita palavra. Estes são os verdadeiros frutos do arrependimento que é aceitável ao Senhor. (I:18a).

Este arrependimento ensinamos e não outro, a saber: que ninguém pode gloriar-se da graça de Deus e do perdão de seus pecados e dos méritos de Cristo, enquanto que os verdadeiros frutos do arrependimento não se produzirem em sua vida. Não é suficiente que digamos que somos

filhos de Abraão, quer dizer, que levamos o nome de Cristãos, mas que devemos fazer as obras de Abraão (João 8:39). Temos que andar como todo verdadeiro filho de Deus, que é guiado e ordenado pela Palavra de Deus, como disse João: “Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade. Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado”.(1ªJoão 1:6-7).(I:18b).

Mas se quiser se arrepender e se confessar sinceramente, e receber a verdadeira absolvição de Deus, aproxime-se dele com o coração confiante, penitente, contrito, com a alma dolorida e amargurada; esqueça o pecado, faça o que é justo e reto ao teu próximo, ame, ajude, sirva, repreve e conforte como deve. E se pecou contra ele, ou se alguma vez o tenha prejudicado de alguma forma, confessa-o e dê a ele satisfação. Porque esta é a verdadeira confissão auricular e penitência ensinada na Palavra de Deus. (I:148a).

9. Fé.

A verdadeira fé que tem valor diante de Deus é um poder vivo e salvador, que por meio da pregação da santa palavra é conferida por Deus ao coração, mudando-o, transformando-o e regenerando-o. Destroe toda maldade, vaidade, ambição pecaminosa e egoísmo, nos tornando como crianças para com a malícia, etc. Esta é a fé que as Escrituras nos ensinam, e não uma vã, morta e infrutífera ilusão, como o mundo imagina. (II:59a).

Sim, querido leitor, a verdadeira fé cristã, como as Escrituras a requerem, é tão viva, ativa e forte em todos aqueles que por meio da graça de Deus a obtiveram, que

não vacilam em abandonar pai, mãe, esposa, filhos, fortuna e posses pelo testemunho e Palavra do Senhor. Estão dispostos a suportar todo tipo de escárnios, desgraças, privações e prisões, e finalmente a que seus frágeis corpos sejam queimados na fogueira como vemos que freqüentemente ocorre com piedosos filhos de Deus e fiéis seguidores de Cristo, especialmente nestes nossos Países Baixos. (I:158a).

É certo que a fé realiza tudo plenamente, sendo que Deus não pode faltar com as suas promessas, mas que as cumpre, pois Ele é a verdade e não pode mentir, como está escrito, por isso é que a fé torna aos crentes generosos, otimistas e alegres no Espírito, ainda que estejam confinados em prisões e cadeias ou sofram a morte por água, fogo ou espada. Porque a fé coloca em seus corações a segurança que Deus não faltará com as suas promessas, mas que as cumprirá no seu devido tempo. Crêem em Cristo, no qual a promessa tem sido confirmada, reconhecem por intermédio dele, a sua graça, palavra e vontade, apesar de terem vivido em tempos passados tão ímpia e de acordo com a carne. (I:159a).

Não, leitor amado, não cremos que a fé tenha valor por si mesma, de nenhuma maneira, mas que o beneplácito de Deus uniu a sua promessa com a verdadeira e genuína fé por meio da palavra. A fé salva não por seus próprios méritos, mas pela promessa que traz consigo. (I:159a).

Observe que a verdadeira fé Cristã por meio da graça, é a única fonte da qual fluem não somente uma vida nova, mas obediência para com as cerimônias evangélicas tais como o batismo e a Ceia do Senhor; não como uma imposição da lei, pois o cetro da opressão está destruído, mas pelo espírito submisso e voluntário do amor, o qual, a semelhança da natureza de Cristo está disposto e ansioso

para toda boa obra em obediência quanto a santa e divina Palavra. (I:158a).

10. Justificação pela Fé.

Aqueles que confiam em suas obras ou cerimônias para obter a salvação, negam a graça e méritos de Cristo. Porque se a reconciliação consistisse em obras e ritos, a graça seria desnecessária e os méritos e virtude do sangue de Cristo, seriam vãos. Oh, não! É graça e será graça por toda a eternidade o que o misericordioso Pai fez mediante o Seu amado Filho e Espírito Santo, por nós, pobres pecadores. (I:158a).

O fato de que fugimos das obras pecaminosas e desejamos amoldar-nos dentro da nossa imperfeição a sua Palavra e mandamentos, se deve a que Ele tem ensinado, e requer isto de nós. Porque qualquer um que não andar de acordo com a sua doutrina, mostra pelas suas obras que não crê nele e não o conhece, e que não está na comunhão dos santos. (João 15:7; 1ª João 3:10; 5:10; 2ª João cap.6). (II:262).

Ensinamos enfaticamente que não poderemos ser salvos nem agradar a Deus por obras externas, não importa quão grandes e boas pareçam, pois em todo caso estão sujeitas a imperfeição e debilidade e considerando a corrupção da carne não poderemos, por seu intermédio, conseguir a justificação requerida nos mandamentos. Manifestemos, portanto, somente a Jesus Cristo que é a nossa única e eterna justificação, reconciliação e propiciação com o Pai, e não confiemos nas nossas próprias obras. Leitor meu, escrevo a verdade em Cristo e não minto. (II:25a).

Observe leitor amado, que não cremos nem ensinamos a salvação pelas nossas obras e méritos, como os nossos

antagonistas nos acusam sem nenhum fundamento, mas somente por graça, por meio de Cristo Jesus como já foi dito. (II:263a).

11. Regeneração.

O novo nascimento não consiste certamente em água nem em palavras, mas é o poder vivificante e celestial de Deus em nossos corações que provém dele, e mediante a pregação da palavra divina, se a aceitamos por fé, comove, penetra, renova e transforma o nosso coração, de tal maneira que somos trasladados da infidelidade para a fé, da injustiça para a justiça, do mal para o bem, da carnalidade para a espiritualidade, do terreno para o celestial, da natureza pecaminosa de Adão para a natureza santa de Jesus. (II:215a).

Todos aqueles que aceitam por fé esta graça de Cristo, que é pregada pelo Evangelho, e se apropriam dela de todo o coração, são novamente nascidos de Deus pelo poder do Espírito Santo. Seus corações e mentes são transformados e renovados; são transferidos de Adão para Cristo. Andam em nova vida como filhos obedientes na graça que lhes é oferecida. São renovados,tenho falado; se tornam pobres em espírito, mansos, misericordiosos, compassivos, pacifistas, pacientes, famintos e sedentos, prosseguindo com bastante empenho por meio de boas obras atrás da vida eterna; porque crêem, são nascidos de Deus, estão em Cristo e Cristo neles; participam de seu Espírito e natureza e portanto, vivem pelo poder de Cristo que está neles, de acordo com a Palavra do Senhor. Isto é o que significa, de acordo com as Escrituras, crer, ser cristão, estar em Cristo e Cristo em nós. (I:147b).

Deus não procura palavras nem aparências, mas poder e obras. Crê que é suficiente conhecer a Cristo de acordo

com a carne? Ou somente dizer que pela justiça, estão prontos para sofrer pela verdade? Crê nele, que sois batizados e Cristãos e que sois comprados pelo sangue e morte de Cristo? Ah, não! Eu tenho falado e repito; terão que ser nascidos de Deus, e a vossa vida mudada e convertida de tal maneira, que sereis novos homens em Cristo, que Cristo esteja em vós e vós nele, ou nunca podereis ser cristãos, pois “Se alguém está em Cristo, nova criatura é.” (I:172b)

Mas primeiramente, se querem ser salvos, a vossa vida terrena, carnal e ímpia, deve mudar. Porque as Escrituras, com todas as suas admoestações, ameaças, reprovações, milagres, exemplos, cerimônias e ordenanças, não ensinam outra coisa a não ser arrependimento e nova vida. E se não se arrepender, não haverá nada no céu e nem na terra que possa ajudá-los, pois sem o verdadeiro arrependimento, toda consolação é vã. Temos que nascer do alto, ser mudados e renovados em nosso coração, e assim ser trasladados da injusta e pecaminosa natureza de Adão para a justa e santa de Cristo, ou não poderemos ser auxiliados por toda a eternidade por nenhum meio, seja divino ou humano.

A regeneração da qual escrevemos, e da que surgem vidas piedosas e contritas, possuidoras da promessa, se efetua somente pela pregação da Palavra do Senhor se for ensinada corretamente e recebida no coração por meio da fé e do Espírito Santo. (I:169a).

PARTE 2

12. A Santidade da Vida.

A verdadeira fé evangélica é de uma natureza tal que não pode permanecer inativa ou vã; sempre manifesta o seu poder. Assim como, devido a sua natureza o fogo não produz senão chamas e calor, o sol calor e luz, a água humidade e a boa árvore, bons frutos de acordo com as suas propriedades naturais, assim também a verdadeira fé evangélica produz frutos evangélicos em concordância com a sua verdadeira, boa e pura natureza evangélica. (I:118b) .

Os verdadeiros crentes mostram em suas vidas e ações que crêem, são nascidos de Deus e guiados espiritualmente. Levam uma vida humilde e piedosa diante dos homens, são batizados de acordo com os mandamentos do Senhor, como prova e testemunho de que seus pecados tem sido apagados pela morte de Cristo e que desejam andar com Ele numa nova vida; compartilham o pão da paz com os seus amados irmãos, como prova e testemunho de que são um com Cristo e com sua Igreja e que não tem e nem conhecem outro meio de graça e de remissão de pecados, nem no céu, nem sobre a terra, senão no corpo inocente e no sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, os quais somente uma vez, por seu Espírito Eterno e em obediência ao Pai, ofereceu e verteu sobre a cruz por nós, pobres pecadores. Os verdadeiros cristãos vivem em todo amor e misericórdia, ajudam ao seu próximo, etc. Em fim, ordenam as suas vidas, dentro da sua imperfeição, de acordo com as palavras, mandamentos, ordenanças, espírito, regras, exemplo e medida de Cristo, como as Escrituras ensinam, pois estão

em Cristo e Cristo neles. E portanto, não continuam com a antiga vida pecaminosa herdada do Adão terreno (com exceção da própria debilidade humana) mas na nova vida de justiça que é pela fé, proveniente do segundo Adão Celestial, Cristo; como disse Paulo: “Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim”. (Gálatas 2:20). E Cristo disse que aqueles que o amam, guardarão os seus mandamentos. (João 14:15). (II:262b).

Além disso, ensinamos o verdadeiro amor e temor de Deus, o verdadeiro amor ao próximo, a servir e ajudar ao necessitado e a não ofender a ninguém; a crucificar a carne e os seus desejos e concupiscências; a despojar o coração, boca e o corpo inteiro de todo pensamento impuro, palavras e ações inconvenientes, com a espada da Palavra divina.

Considere agora se não é esta a vontade de Deus, a verdadeira doutrina de Jesus Cristo, o uso correto de suas ordenanças e a verdadeira vida, a qual é de Deus, ainda que se oponham a ela insistentemente todas as portas do inferno. (II: 244a) .

Por outro lado, os pensamentos daqueles que são cristãos de verdade, são puros, castos, suas palavras são verazes e temperadas com sal; para eles o sim é sim e o não é não, e suas ações estão inspiradas no temor de Deus. Seus corações são celestiais e renovados, sua alma pacífica e alegre; procuram a justiça com todo empenho. Em fim, tem por meio do Espírito e Palavra de Deus, uma segurança tal de sua fé, que podem por meio dela afrontar a sangrentos e cruéis tiranos com todas as suas torturas, prisões, exílios, despojos de propriedades, armadilhas, fogueiras, carrascos e tormentos; e com verdadeiro zelo divino, com puro e inocente coração, com um simples sim

e não, estão dispostos a morrer. A glória de Cristo, a doçura da sua Palavra, a salvação de suas almas, são mais preciosas para eles do que todas as outras coisas abaixo do céu. (I:170a)

13. A Igreja.

Os verdadeiros mensageiros do Evangelho, que são um com Cristo em espírito, amor e vida, ensinam o que lhes tem sido confiado por Ele; a saber, o arrependimento e o pacífico Evangelho da graça que Ele próprio recebeu do Pai e pregava no mundo. Todos quantos o ouvem, crêem, aceitam e cumprem como é devido, tornam-se parte da Igreja de Cristo, a verdadeira e fiel Igreja Cristã, o corpo e a noiva do Senhor, a arca de Deus, etc. Eles são os eleitos para proclamar o poder daquele que os chamou das trevas para a sua luz admirável. (II:345b).

A Igreja de Cristo é composta dos eleitos de Deus, seus santos e amados, que lavaram suas roupas no sangue do Cordeiro, que são nascidos de Deus e guiados pelo Espírito de Cristo, que estão em Cristo e Cristo neles, que ouvem e crêem na sua Palavra, vivem, dentro da sua fraqueza, de acordo com seus mandamentos e com paciência e mansidão seguem as suas pisadas; que odeiam o mal e amam o bem, que procuram ardentemente apossar-se de Cristo como Cristo apossou-se deles. Porque todos os que estão em Cristo são novas criaturas, carne de sua carne, osso de seus ossos e membros de seu corpo. (I:161b).

As verdadeiras características pelas quais pode ser reconhecida a Igreja de Cristo são:

1. Doutrina pura e sem adulterações.

2. Prática das ordenanças de acordo com as Santas Escrituras.
3. Obediência a Palavra.
4. Sincero amor fraternal.
5. Aberta confissão de Deus e Cristo.
6. Suporta perseguição e ódio por causa da Palavra do Senhor. (II:83b).

Algumas das outras parábolas, como a da rede na qual caem peixes bons e maus; a das virgens prudentes e insensatas e suas lâmpadas; a das bodas do filho do rei e seus hóspedes e a época com trigo e joio, apesar de que o Senhor mencionou sobre elas na Igreja, não significa que se deva aceitá-las em seu seio, nem manter em comunhão com ela aos transgressores; nesse caso Cristo e Paulo difeririam em doutrina, pois Paulo disse que os tais devem ser disciplinados e separados (1ªCoríntios 15:11). Mas isso era necessário porque muitos se misturavam com os cristãos adotando aparências de tais e colocando-se no mesmo nível a respeito da Palavra e seus sacramentos, quando na realidade somente eram hipócritas e simuladores diante de Deus; estes são os semelhantes aos peixes rejeitados que serão lançados fora da rede pelos anjos no Dia do Senhor; as virgens insensatas que não tem azeite em suas lâmpadas; ao hóspede sem o traje de boda e ao joio. Eles simulam temer a Deus e seguir a Cristo, recebem o batismo e a Ceia do Senhor, tem todas as boas aparências, mas não tem fé, arrependimento, verdadeiro temor e amor de Deus, Espírito, poder, frutos e nem obras. (II:88b).

14. Separação do Mundo.

O inteiro Evangelho ensina que a Igreja de Cristo era e tem que ser um povo separado do mundo em doutrina, vida e culto. Assim foi no Antigo Testamento. (2ªCoríntios 6:17; Tito 2:14; 1ªPedro 2:9-10; 1ªCoríntios 5:17; Êxodo 19:12).

Visto que a Igreja sempre foi e deve ser um povo separado, como se falou, e sendo evidente como o sol luminoso, que por vários séculos não se tem observado nenhuma diferença entre a Igreja e o mundo, mas que todos tem estado confundidos no batismo, Ceia do Senhor, vida e culto, sem nenhuma diferença, numa forma abertamente disputada com os princípios das Sagradas Escrituras; portanto nós nos sentimos compelidos pelo Espírito e pela Palavra de Deus, a adoração de Cristo e ao serviço e melhoramento de nosso próximo, por motivos elevados, como já foi dito, para conseguir, não para nós, mas para o Senhor, uma congregação ou Igreja piedosa, penitente ... não pela força das armas ou por compulsão, (como é habitual nas seitas populares) uma Igreja separada do mundo como ensinam as Escrituras. (II:38a) . Os ministros (das igrejas do Estado) deveriam pregar honestamente a palavra do arrependimento sincero, no poder do Espírito. Todos aqueles que o aceitam de coração e se arrependem, devem em seguida participar dos sacramentos de Cristo de acordo com as ordenanças. E aqueles que não crêem e deliberadamente os menosprezarem, devem, com a autorização da Palavra divina, ser separados da comunhão da sua Igreja, sem respeitar a pessoa, seja ela rica ou pobre. Deste modo poderá reunir-se uma Igreja para Cristo e praticar-se as ordenanças do Senhor corretamente de acordo com as Escrituras. (II:70).

15. Fraternidade Verdadeira.

Somos acusados e se afirma que temos as nossas propriedades em comum. Replicamos que tal acusação é falsa e sem nenhum fundamento. Não ensinamos nem praticamos a comunidade de bens. Mas ensinamos e sustentamos com a autoridade da Palavra de Deus, que todos os verdadeiros crentes são membros de um mesmo corpo, estão batizados por um Espírito num corpo. (1ªCoríntios 10:3) e tem um Senhor e um Deus. (Efésios 4:5-6). Visto que desta forma são um, é pois razoável e cristão que se amem uns aos outros sinceramente e que um membro se preocupe pelo bem estar do outro, pois tanto a natureza como as Escrituras o ensinam assim. As Escrituras exigem caridade e amor, e esta é a característica pela qual se reconhece ao verdadeiro cristão, como disse Jesus: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos(quer dizer cristãos), se vos amardes uns aos outros”. (João 13:35).

Leitor amado, nunca se observou uma pessoa sensata que vista e cuide de uma parte de seu corpo e deixe o resto sem cuidados e desnudo. Não. É lógico distribuir cuidados a todos os membros. O mesmo deve ocorrer com os que formam a Igreja ou o corpo do Senhor. Todos aqueles que são nascidos de Deus, são feitos partícipes de seu Espírito e chamados a um corpo de amor, de acordo com as Escrituras, e dispostos por causa desse amor, a servir a seus semelhantes, não somente com dinheiro e bens, mas também conforme ao exemplo de seu Senhor e Cabeça, Jesus Cristo, a maneira evangélica, quer dizer, com a sua vida e com o seu sangue.

Praticam a caridade e o amor em todo o possível; não toleram que haja mendigos entre eles; distribuem o necessário entre os santos, recebem ao miserável,

hospedam ao estrangeiro, consolam ao afligido, dão assistência ao necessitado, vestem ao desnudo, alimentam ao faminto, não menosprezam ao pobre e não descuidam de seus membros necessitados - sua própria carne -. (Isaías 58:7-8). (II:309a).

Repito: Este é o amor, caridade e comunidade que ensinamos e praticamos e que por dezessete anos temos ensinado e praticado de tal forma que, apesar de termos sido muitas vezes despojados de nossas propriedades e de ser ainda vítimas de roubos, ainda que muitos pais e mães piedosos e tementes a Deus tem sido levados para a morte por meio do fogo, água ou espada e ainda que nós mesmos não temos domicílio seguro ou morada, como é conhecido, e apesar das circunstâncias difíceis, em nenhum caso, graças sejam dadas a Deus por isto, nenhum irmão ou algum de seus filhos que nos foram confiados foram vistos com a necessidade de mendigar. (II:309b).

Eles se jactam de seguir a Palavra de Deus e de ser a verdadeira Igreja Cristã, e não compreendem que tem perdido por completo as características do Cristianismo verdadeiro; pois ainda que possuam de tudo em abundância e que muitos de seus membros vivam na suntuosidade e na voluptuosidade, em gastos supérfluos, vestindo-se com seda e veludo, ouro e prata e todo tipo de pompa e vaidade; que mobiliam as suas casas com todo tipo de custosos ornamentos e tem seus cofres repletos, no entanto, permitem que na sua congregação andem mendigando muitos dos membros pobres e afligidos, apesar de ser crentes semelhantes a eles e de ter recebido o mesmo batismo e participar do mesmo pão com eles; permitem que alguns sofram a mais cruel miséria, fome e necessidade e que muitos idosos, enfermos, mutilados, cegos, se vejam obrigados a mendigar o pão na porta de seus próprios irmãos mais afortunados. (II:310a).

16. As Ordenanças.

Os regenerados na verdade e guiados espiritualmente concordam em tudo com as palavras e ordenanças do Senhor; não porque esperam conseguir com isto a propiciação de seus pecados e a vida eterna; de maneira alguma. Para isto dependem exclusivamente do sangue e dos méritos de Cristo - confiando na promessa que o Pai misericordioso deu a todos os crentes- cujo sangue é e será, por toda a eternidade, repito, o único meio possível de reconciliação, e não as obras, batismo e a Santa Ceia como já foi dito.(I:158a).

O arrependimento deve anteceder as ordenanças e não o inverso. Visto que as ordenanças do Novo Testamento são em si mesmas completamente impotentes, vãs e inúteis, se aquilo que significam, em especial a nova vida, não está em evidência, como tenho dito ao tratar do batismo. (II:65a).

Em poucas palavras; em tudo o que se refere a Igreja Cristã, meu único argumento e sincera convicção é que diante de Deus nem o batismo, Santa Ceia, e nenhuma outra cerimônia externa vale, se for realizada sem o Espírito de Deus e sem a nova criatura; mas que, como claramente ensinou Paulo, diante de Deus somente tem valor a fé, espírito e regeneração. (Gálatas 5:6). Todos os que pela graça de Deus tem recebido isto do alto, podem ser batizados de acordo como mandamento do Senhor e participar da Santa Ceia. Desta forma, com ardente desejo acatam todas as ordenanças e doutrinas de Cristo e nunca se opoem a santa vontade e testemunho de Deus. (II:349b).

As cerimônias sem realidade não tem nenhum mérito diante de Deus. Porque Ele não é um Deus que se agrada com aparências externas, cerimônias, símbolos, pão,

vinho, água e serviço nominal, mas em espírito, poder, obras e verdade.

Porém ainda o príncipe das trevas, a serpente antiga, o diabo, se transforma em anjo de luz; aparentemente nada se torna para ele difícil nem incômodo; sempre que puder apoderar-se da cidadela do nosso coração e expulsar a natureza de Cristo, seu espírito e poder, então já terá conseguido o prêmio pelos seus esforços. Na realidade, se um homem fosse batizado por Pedro ou pelo próprio Paulo e recebesse o pão da Santa Ceia das próprias mãos do Senhor, e nunca mais participasse da idolatria dos sacerdotes, mas se retivesse uma só das obras do diabo, a saber, ódio, inveja, rancor, sede de vingança, ou ganância, orgulho, desonestidade ou qualquer outro vício, poderia afirmar-se com as Escrituras que o seu espírito é mau e sua vida hipócrita. (I:265a).

17. Batismo.

Não somos regenerados por termos sido batizados ... mas somos batizados porque temos sido regenerados pela fé e pela palavra de Deus, (1ª Pedro 1:23). A regeneração não é o resultado do batismo, mas o batismo é a consequência da regeneração. Isto não pode ser discutido pelo homem e nem desaprovado pelas Escrituras. (II:215a).

As Escrituras não reconhecem senão um remédio, o qual é o Cristo com seus méritos, morte e sangue. Portanto, aquele que procura a remissão de seus pecados no batismo, despreza o sangue de Cristo e faz da água, o seu ídolo. Por isto, que cada um tenha cuidado para não atribuir a honra e glória devidos a Cristo, as cerimônias externas e aos elementos visíveis. (I:32a).

O crente obtêm a remissão de seus pecados não por meio do batismo, nem no batismo, mas da seguinte forma: quando de todo coração crê no precioso Evangelho de Jesus Cristo que lhe foi pregado e ensinado, a saber, as boas novas da graça, remissão de pecados, paz, favor, misericórdia e vida eterna por meio de Cristo, nosso Senhor, experimenta uma mudança de mente; renuncia a si mesmo, se arrepende de sua velha vida pecaminosa, e com toda diligência presta atenção a Palavra do Senhor, que lhe tem demonstrado um amor tão grande e cumpre com tudo aquilo que se ensina e ordena em seu santo Evangelho. A sua confiança repousa firmemente sobre a palavra da graça que lhe promete a remissão de seus pecados pelo precioso sangue e os méritos de nosso Senhor Jesus Cristo. Em seguida, então, recebe o santo batismo como sinal de obediência que procede da fé, como testemunho diante de Deus e de sua Igreja de que firmemente crê na remissão de pecados por Jesus Cristo, como lhe foi pregado e ensinado pela Palavra de Deus. (II:201a). Este é o menor dos mandamentos dados por Ele. Muito maior é o mandamento de amar aos inimigos, fazer bem aos que nos odeiam, orar em espírito e verdade por aqueles que nos perseguem, submeter a carne a Palavra de Deus, pisotear todo orgulho, cobiça, impureza, ódio, inveja e intemperança; ajudar ao próximo com ouro, prata, lar, posses, trabalho e ações, com vida e morte; além de ser libertados de todo desejo mal, palavras inconvenientes e más obras; amar a Deus e a sua justiça, vontade e mandamentos com todo o coração e levar a cruz do Senhor Jesus Cristo com alegria. Pode o mandamento do batismo ser comparado com qualquer um destes? Volto a repetir que é o menor dos mandamentos que nos foram dados, pois não mais do que um pequeno rito externo, consistente na aplicação de um pouco de água. Todo

aquele que obteve o mais importante, a saber a obra interior, não dirá: “De quê me pode servir a água?” Senão que estará disposto, com coração obediente e agradecido a ouvir e cumprir com a Palavra de Deus. Mas enquanto não tiver obtido a obra interior, bem poderá exclamar: “De quê me pode servir a água?” (Prefácio de “Fundamento”, de 1539).

18. A importância do Batismo.

Todos aqueles que pela graça de Cristo tem sido transferidos de Adão para Cristo, feitos partícipes da natureza divina, e batizados por Deus com Espírito e fogo do amor celestial, não contenderão ironicamente com Cristo dizendo: “De quê me pode servir a água.” Mas que dirão como o temeroso Saulo: “Senhor, que queres que eu faça?” e como os penitentes dos dias de Pentecostes: “Homens irmãos, o quê faremos?” Renunciarão a sua própria opinião voluntariamente e obedecerão a Palavra de Deus, pois são guiados por seu santo Espírito, e por meio da fé, cumprem alegremente com todas as coisas ordenadas pelo Senhor. Mas enquanto as suas almas não forem renovadas e não tiverem a mente de Cristo (Filipenses 2:5), não são lavados no homem interior com a água clara da fonte viva de Deus, (Hebreus 10:22), bem pode dizer: “De quê nos pode servir a água?”. Pois todo o oceano não os limpará enquanto estiverem inclinados ao mundanismo e para a carnalidade. (I:38b).

19. Batismo Infantil.

Por enquanto não encontramos na Bíblia uma só palavra pela qual Cristo ordenara o batismo de crianças, ou que seus apóstolos o ensinaram ou praticaram.

Afirmamos e confessamos que o batismo infantil não é, senão, uma invenção humana, opinião dos homens, perversão dos ensinamentos de Cristo. (I:29b).

Batizar antes do requerido para o batismo, a saber, a fé, é como se quisesse colocar a carroça na frente do cavalo, semear antes de arar, construir antes de ter os materiais, ou fechar a carta antes de tê-la escrito. (II:211b).

Eles apelam para Orígenes e Agostinho como último recurso, e dizem que estes asseguravam ter recebido a doutrina do batismo infantil dos apóstolos. A isto replicamos e perguntamos se Orígenes e Agostinho provam isto com as Escrituras; se for assim, gostaríamos de saber. Do contrário, devemos ouvir e crer em Cristo e em seus apóstolos e não em Agostinho e Orígenes. (I:37a).

Além disso, se os que batizam crianças afirmam que este batismo não é proibido e que portanto, é correto, sustento que não estão expressamente proibidos nas Escrituras: a bênção, como eles chamam, de água benta, velas, palmas, cálice e vestimentas, a celebração de missas e outras cerimônias; apesar disso, afirmamos e sustentamos que tudo isso é mal, primeiramente porque o povo põem a sua fé nessas coisas, e em segundo lugar porque é realizado sem o mandamento de Deus, pois nada disto tem sido instituído por Ele, e não se deve observar nenhum mandamento que não esteja contido ou implicado na sua Santa Palavra, em letra ou espírito. (II:214b).

Amados: visto que as ordenanças de Cristo são imutáveis e que somente elas são aceitas por Deus, e visto que Ele ordenou que o Evangelho deve ser primeiramente pregado e em seguida batizados aqueles que crêem, ocorre que os que batizam e são batizados sem que se tenha sido ensinado o Evangelho e sem fé, batizam e são batizados na sua própria opinião, sem a doutrina e mandamentos de

Cristo Jesus, e portanto, é uma cerimônia ímpia, inútil e vã. Pela mesma razão, Israel poderia ter circuncidado as mulheres, pois não estava expressamente proibido, poderiam tê-lo feito sem o mandamento de Deus, porque Ele havia ordenado que fossem circuncidados os varões. O mesmo é neste caso. Se batizamos as crianças inconscientes porque não está expressamente proibido pelas Escrituras, assim como não o está circuncidar as mulheres, o fazemos sem a ordenança de Cristo, porque Ele mandou que fossem batizados aqueles que ouviam e acreditavam em seu santo Evangelho. (Mateus 28:19; Marcos 16:16; Atos 2:38; 9:18; 10:48; 16:33). (II:196b).

Eu sei que Lutero ensinou que a fé está presente nas crianças exatamente como num crente que dorme. A isto respondo, primeiro, que ainda no caso de que existisse tal fé nas crianças inconscientes (coisa que não é mais do que um sofisma humano) seria, não obstante, impróprio batizá-las enquanto não puderem confessá-la verbalmente e não mostrem os frutos requeridos. Porque os santos apóstolos não batizaram nenhum crente enquanto dormia, como temos provado nos escritos interiores. (II:199a).

Em terceiro lugar replicamos que nas Escrituras temos registrados quatro casos de famílias que foram batizadas, a saber: a de Cornélio, a do carcereiro, a de Lídia e Estéfanos (Atos 10:48; 16:15,33; 1ªCoríntios 1:16), e as Escrituras claramente provam que em três destas famílias, todos eram crentes, a saber, a de Cornélio (Atos 10:2,44-47) ; a do carcereiro (Atos 16:34) e a de Estéfanos(1ªCoríntios 16:15); Mas no que se refere a família de Lídia, o leitor deve saber que, apesar de que a Bíblia nada diz a respeito, não é usual nas Escrituras nem é costume no mundo, chamar a família pelo nome da mulher enquanto viver o marido. Visto que Lucas designa a família pelo nome da mulher, e não pelo do homem, a

razão nos diz que Lídia devia ser nessa época, viúva ou solteira, e a respeito de opinar se em seu lar havia ou não crianças, deixamos isto para o livre juízo dos leitores pios e tementes a Deus. (I:36b).

20. Salvação das crianças.

Apesar de que as crianças não tem fé e nem recebem o batismo, não pense que por isso estão perdidas. Oh não! São salvas, porque tem a promessa do próprio Senhor, que delas é o reino de Deus. Não por meio de algum elemento, cerimônia, nem rito exterior, mas somente pela graça de Jesus Cristo. E é sabido que cremos sinceramente que a graça se estende até elas, e que além disso, são aceitas diante de Deus, puras e santas, herdeiras de Deus e da vida eterna. Com base nesta crença, todos os cristãos devem estar seguros e regozijar-se ante a certeza de que suas crianças são salvas. (I:36a) .

Se morrerem antes de chegar a idade do entendimento e de poder ouvir e crêr, estarão sob a promessa de Deus e serão salvas, e isto não por outros meios, mas pela preciosa promessa da graça dada pelo Senhor Jesus. (Lucas 18:16). Mas se, tendo chegado a idade da compreensão, ouvem e crêem, devem ser batizadas. Se não aceitam ou não crêem na palavra uma vez que chegaram nesta época da vida, sejam ou não batizadas, estarão perdidas, como Cristo mesmo ensinou. (Marcos 16:16). (II:198b).

Visto que, se sob a Antiga Dispensação as crianças eram recebidas no pacto de Deus mediante a circuncisão, e os da Nova Dispensação por meio do batismo como ele (Gellius) afirma, daí se desprende irrefutavelmente que as crianças que morreram antes do oitavo dia e aquelas que não foram circuncidadas no deserto (Josué 5:5) assim

como todas as mulheres, não pertenciam a Igreja ou congregação Israelita e portanto não tinham parte na graça, pacto ou promessa. O mesmo deveria aplicar-se as crianças que morrem antes de terem sido batizadas. Oh abominação espantosa! (II:47b).

PARTE 3

21. O Erro da Regeneração Batismal.

Ensinar e crer que a regeneração se obtém por meio do batismo, meus irmãos, é tremenda idolatria e blasfêmia contra o sangue de Cristo. Porque não há nada no céu nem na terra que apague nossos pecados, sejam eles simples propensão ao mal ou transgressões, mas somente o sangue de Cristo, como falamos anteriormente (1ª Pedro 1:19; 1ª João 1:7; Colossenses 1:20). Se atribuímos ao batismo a remissão de pecados, e não ao sangue de Cristo, fazemos do batismo um bezerro de ouro e o colocamos no lugar de Cristo. Porque se podemos ser lavados ou limpos pelo batismo, então Cristo e seus méritos ficariam desprezados, exceto se confessamos que há dois meios para a remissão de pecados, a saber o batismo e o sangue de Cristo. Mas isto não é assim, nem o será por toda a eternidade; porque o imaculado e precioso sangue de Nosso Senhor Jesus, deve ser e é digno de ter esta glória, como os profetas e apóstolos tão claramente profetizaram e testemunharam por meio das Escrituras. (II:200b).

22. A Ceia do Senhor. (Santa Ceia).

Do mesmo modo cremos e confessamos que a Ceia do Senhor é um símbolo sagrado, instituído pelo próprio

Senhor, com pão e vinho, e encomendado aos seus em memória dele, ensinado e administrado também de acordo ao instituído pelo Senhor, pelos Apóstolos entre os irmãos. (II:270a).

Ensinamos, praticamos e desejamos que a Ceia que o próprio Senhor instituiu e administrou, seja observada pela Igreja que esteja visivelmente livre de manchas ou infâmia, que dizer, sem transgressões ou pecados conhecidos; pois ela somente julga aquilo do qual tem conhecimento; mas o pecado oculto, que não é visível, Deus é quem deve julgá-lo, porque somente Ele conhece os corações e os pensamentos. A Ceia do Senhor deve ser observada no seu duplo significado, a saber, pão e vinho comemorando a morte do Senhor, e como renovação e evidência de amor fraternal. (II:243b).

Ensinamos, procuramos e exigimos que a Ceia do Senhor seja observada como Jesus a instituiu e observou, ou seja por uma Igreja livre exteriormente de ofensa e de vergonha, alheia a toda transgressão e pecado visível, porque a igreja julga o que é visível. Mas no caso de pecado oculto, que não se manifesta abertamente para a Igreja como a traição de Judas, Deus é quem deve julgar e sentenciar, pois somente Ele e não a Igreja, discerne o coração e as entranhas, (II:243a).

23. Disciplina.

É evidente que uma congregação ou Igreja não pode continuar na sã doutrina e vida piedosa e imaculada sem a prática apropriada da disciplina. Como uma cidade sem muros e portas, ou um campo sem cercado, ou uma casa sem paredes, assim é a Igreja sem a verdadeira excomunhão ou anátema apostólicos. Porque ficaria exposta a todos os espíritos enganadores, ímpios,

escarnecedores, soberbos e desdenhosos, a todos os idólatras e transgressores insolentes, assim como a todos os libertinos e adúlteros, como ocorre nas grandes seitas do mundo que se chamam a si mesmas, ainda que impropriamente, igrejas de Cristo. No meu entender, é uma característica primordial, uma honra e um meio de prosperidade para a verdadeira Igreja, ensinar com discrição cristã a verdadeira excomunhão apostólica e observá-la cuidadosamente, com amor vigilante, conforme os ensinamentos das Sagradas Escrituras. (I:241b).

Porque enquanto os pastores e mestres (na primitiva Igreja Cristã) ensinaram cuidadosamente e exigiram vidas piás, administraram o batismo e a Santa Ceia somente aos piedosos, e praticaram corretamente a disciplina de acordo com as Escrituras, constituíram a Igreja e congregação do Senhor. (II:69b). Portanto, tenha cuidado; se ver o teu irmão pecar, não passe junto a ele como alguém a quem não tem interesse pela sua alma, pois se a queda não é de morte, ajude-o em seguida a levantar-se com amáveis conselhos e amor fraternal, como alguém que procura ardentemente a sua salvação, antes de começar a comer, beber, dormir ou fazer qualquer outra coisa, não seja que o teu pobre irmão errante se afunde no pecado e pereça. (II:445a).

24. Arrependimento no caso de Pecado Secreto.

Poderia acontecer em qualquer ocasião que alguém pecasse contra o seu Deus secretamente, em qualquer das abominações carnis, das quais Ele com o Seu grande poder nos preserve a todos, e que o Espírito e a graça de Cristo, que é o único que pode despertar um arrependimento sincero, tocasse de novo em seu coração e lhe concedesse um arrependimento genuíno; sobre isto

nada temos que julgar, pois é um assunto entre ele e Deus. Por isso é evidente que não procuramos a nossa justiça e salvação e a remissão de nossos pecados, satisfação, reconciliação e vida eterna por disciplina ou mediante a excomunhão, mas unicamente pela justiça, intercessão, méritos, morte e sangue de Cristo, e visto que os dois motivos para os que a excomunhão é permitida nas Escrituras não estão neste caso, porque, primeiramente o seu pecado é em particular e portanto não ofende a outros, e em segundo lugar ele está contrito e humilhado de coração, portanto não há necessidade de envergonhá-lo a fim de que possa chegar ao arrependimento, pois não há mandamento de Cristo nem ordem divina que autorizem a considerá-lo com mais severidade, nem excluí-lo, nem desprezá-lo diante da Igreja. (I:350).

25. Chamada Missionária da Igreja.

Procuramos e desejamos ardentemente e mesmo com as custas de nosso sangue e vida, que o santo Evangelho de Jesus Cristo e seus apóstolos, que é a única doutrina verdadeira que persistirá até que Cristo reapareça nas nuvens, possa ser ensinado e pregado por todo o mundo, como o Senhor Jesus comissionou aos seus discípulos nas últimas palavras que lhes dirigiu estando na terra. (Mateus 28:19; Marcos 16:15). (II:243).

Procuro e desejo de todo coração (Ele bem sabe) que o glorioso nome, a divina vontade e o louvor de nosso Senhor Jesus sejam conhecidos por todo o mundo. (II:249a).

A este fim pregamos em qualquer oportunidade que aparecer, de dia ou de noite, nas casas ou nos campos, nos bosques e nos desertos, nestas terras ou no exterior, na prisão e na escravidão, na água, fogo e patíbulo, sobre o

cadafalso ou no torno, diante de senhores e príncipes, oralmente e por escrito, arriscando posses e vida, como estamos fazendo todos estes anos sem cessar. (II:10).

Persequimos e desejamos unicamente poder mostrar ao mundo inteiro (que está na perversidade) a senda verdadeira, e que muitas almas possam, pela Palavra de Deus, mediante a sua ajuda e poder, ser resgatadas do domínio de Satanás e conduzidas a Cristo. (II:302a).

Não luto por outra coisa a não ser para que o Deus do céu e da terra, por meio de seu bendito Filho Jesus tenha a glória por meio da sua bendita Palavra; que todos os homens neste tempo aceitável de graça, sejam levantados do profundo sono de pecado em que se encontram afundados. (II:328).

Desejamos de todo coração ver realizar-se a salvação de toda a humanidade, e isto não somente dando os nossos bens e trabalho, mas também (entenda o seu significado evangélico) nossa vida e sangue. (II:255).

Esta é a minha única alegria e o desejo de meu coração; poder estender as fronteiras do reino de Deus, fazer conhecer a verdade, reprovando o pecado, ensinar a justiça, alimentar as almas famintas com a Palavra do Senhor, guiar a ovelha extraviada pela senda reta e ganhar muitas almas para o Senhor mediante o seu Espírito, poder e graça. (I:75).

26. Não Resistência.

Os regenerados não vão para a guerra nem lutam. São os filhos da paz, que transformaram as suas espadas em foices e as suas lanças em enxadões, e não amam a guerra. Dão a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Sua espada é a palavra do Espírito que manejam com boa consciência, guiados pelo Espírito Santo. (I:170b).

Visto que seremos conformados a imagem de Cristo (Romanos 8:29), como poderemos então lutar com nossos inimigos fazendo uso da espada? O apóstolo Pedro disse: “Porque para isto sois chamados; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas. O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano. O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente”. (1ª Pedro 2:21-23; Mateus 16:24). E isto concorda com as palavras de João que rezam: “Aquele que diz que está nele, também deve andar como ele andou” (1ª João 2:6) e o próprio Cristo disse: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me”. (Marcos 8:34; Lucas 9:23). Também “Minhas ovelhas ouvem a minha voz...e elas me seguem”.(João 10:27).(II:435b).

Amado leitor, se este pobre e ignorante mundo aceitasse com coração honesto esta doutrina odiada e desprezada, que não é nossa, mas de Cristo, transformaria então as suas espadas mortíferas em foices e as suas lanças em enxadões, derrubariam portas e muros, destituiriam aos seus executores e carrascos. Porque todos os que aceitam esta doutrina com a sua autoridade, não terão, pela graça de Deus dificuldades com ninguém sobre a terra, nem mesmo com seus piores inimigos, e muito menos lhes ofenderão nem prejudicarão de nenhuma forma, porque são filhos do Altíssimo que amam de todo o coração o que é bom, odeiam o mal e são inimigos dele. (II:103a).

Ah homem! Homem! Observe os seres irracionais e aprenda sabedoria. Os leões que rugem, os ursos temíveis, os lobos vorazes, todos vivem em paz entre eles cada um com a sua espécie. Mas vós, pobres, incapazes, criados a imagem de Deus e chamados de seres racionais, que nascem sem dentes, sem garras, nem chifres, com uma

natureza fraca, sem uma linguagem articulada, sem força, incapazes até para andar ou para erguer-se, dependendo exclusivamente do cuidado maternal para ensinar-lhes que devem ser homens de paz e não de luta (I:76a).

Foi ordenado a Pedro que guardasse a espada na bainha. Todos os cristãos estão obrigados a amar a seus inimigos, fazer bem aos que lhes prejudicam, e orar por aqueles que os ultrajam ou perseguem; a dar a capa se alguém quiser pleitear a sua túnica, e quando lhe ferirem uma face, oferecer a outra. Diga-me pois, leitor amado, como poderá um cristão de acordo com as Escrituras tomar vingança, rebelar-se, fazer a guerra, matar, assassinar, torturar, saquear, assaltar e incendiar cidades e conquistar países? (Mateus 26:52; João 18:10; Mateus 5:12,39-40). (II:306b).

Estou ciente que os tiranos que chamam a si próprios de cristãos, tentam justificar as suas horríveis guerras e o derramamento de sangue e fazer dele uma boa obra remetendo-nos a Moisés, Josué, etc. Mas não pensam que Moisés e seus sucessores, com suas espadas de aço serviram para a sua época, e que o Senhor Jesus tem nos dado agora um novo mandamento e cingiu os nossos lombos com outra espada. Eles não consideram que estão manejando a espada da guerra e que a usam contrariando toda a Escritura, contra os seus próprios irmãos, a saber, contra aqueles que professam a mesma fé, e receberam o mesmo batismo, participando do mesmo pão com eles e são, portanto, membros do mesmo corpo. (I: 198).

Repito, a nossa fortaleza é Cristo, a nossa defesa é a paciência, a nossa espada é a Palavra de Deus e a nossa vitória é a fé firme e não fingida em Cristo Jesus. Deixemos as espadas e as lanças de aço para aqueles que, oh dor! consideram o sangue humano e o de um porco no

mesmo nível. Aquele que é avisado, julgue o que quero dizer. (I:81b).

Capitães, cavaleiros, soldados e outros homens sanguinários pelo estilo, oferecem a venda corpo e alma por dinheiro, e juram com a mão levantada, destruir cidades e países, prender e matar cidadãos e habitantes, despojando-os de seus bens mesmo que nunca lhes tenham ofendido e nem provocado. Oh! Quão abominável, maldita e perversa ocupação! E ainda se diz que eles são os que protegem a nação e o povo e os que ajudam a administrar a justiça! (I:137a).

27. Juramentos.

Jesus disse: “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás os teus juramentos ao Senhor. Eu, porém, vos digo que de maneira nenhuma jureis; nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés” (Mateus 5:33-35). E você, Micron, diz que unicamente o juramento leviano e falso deve ser proibido, como se Moisés tivesse permitido tais juramentos a Israel e por isso Cristo, sob o Novo Testamento os teria proibido.

Se temos a mesma liberdade que os Israelitas sobre este assunto, como você assegura ... diga-me então, por quê não disse o Senhor: “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não perjurarás, e eu vos digo: Obedecei a este mandamento. Mas Ele disse: Moisés vos permitiu jurar honestamente; porém, vos digo que de maneira nenhuma jureis”. (II:409a).

O juramento é requerido unicamente com o propósito de obter uma declaração e um testemunho sinceros. A verdade não poderá ser dita se não houver um juramento? Falam sempre a verdade todos os que estão sob

juramento? Admitirá que a primeira pergunta deve ser respondida com uma afirmação e a segunda negativamente.

É pois o juramento em si mesmo, a verdade do testemunho, ou depende esta de que se jure? Por quê, então as autoridades não exigem que a verdade seja expressada por si e não como Deus ordena, em vez de fazê-lo por meio do juramento, que é proibido por Deus, já que podem castigar aquele que seja achado falso em sua afirmação ou negação da mesma forma que ao perjúrio? (II:410a).

O fato de que o sim é sim e o não é não para os verdadeiros cristãos, fica plenamente provado nestes Países Baixos pelos que tem sido tão cruelmente perseguidos com prisões, confiscos e torturas, com fogo, fogueira e espada, quando com uma só palavra poderiam ter escapado de tudo isto se quizessem ter quebrantado o seu sim e o seu não. Mas desde que nasceram para a verdade, andam na verdade e testemunham para a verdade até a morte, como se vê freqüentemente em Flandes, Brabante, Holanda, Frieslândia Oeste... (II:274b).

28. Pena Capital.

Se um criminoso se arrependesse sinceramente diante de Deus e fosse nascido do alto, seria então um santo, um filho de Deus, partícipe da graça e membro espiritual do corpo do Senhor, limpo pelo seu sangue precioso e ungido pelo Espírito Santo. Conceituo portanto, ser estranho e inoportuno, (considerando a misericórdia, compaixão e amável disposição, espírito e exemplo de Cristo, o manso Cordeiro, cujo exemplo Ele ordenou aos seus que seguissem), que algum destes réus seja pendurado na forca, executado no torno, queimado na fogueira ou

torturado de qualquer forma por outro cristão, com o qual é em Cristo Jesus de um coração e uma alma.

Além disso, se permanece inconvertido e se lhe tira a vida, não se fará outra coisa que encurtar-lhe desapiadadamente o tempo para o seu arrependimento, que, no caso de se lhe conservar a vida, poderia chegar a obter; é entregar cruelmente ao Diabo a sua alma, que foi comprada com tão precioso tesouro, sem ter em conta ao Filho do Homem que disse: “Aprendei de mim” (Mateus 11:29), “Porque eu vos dei o exemplo” (João 13:15), “Siga-me” (Mateus 16:24), “Não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las”. (Mateus 18:11; Lucas 19:10 e 9:56). (II:407b).

A história secular mostra que os Espartanos apesar de ter sido pagãos, não condenavam a morte aos seus criminosos, mas que os aprisionavam e os faziam trabalhar. (II:408a).

29. Não conformidade com o Mundo.

Estaria muito mais de acordo com os ensinamentos evangélicos dele (Gellius) se destacasse diante de pessoas tão vaidosas e enaltecidas, a humildade de Cristo; que aprendessem a negar a si mesmos e a considerar a sua origem e destino; que abandonem a sua excessiva pompa e vaidade, sua presunção e impiedade, temam a Deus de coração, andem em seus caminhos e com verdadeira humildade de coração ajudem ao seu próximo com as suas riquezas. (II:17a).

Este não é um reino onde alguém se adorna a si mesmo com ouro, prata, pérolas, seda, púrpura e custosos enfeites, como faz o mundo vaidoso e orgulhoso, e vossos dirigentes, dando liberdade para que faça outro tanto, com a desculpa de que é inofensivo se o coração está isento

dele. Dessa maneira Satanás pretende dissimular a sua arrogância e mostrar que a cobiça de seus olhos é pura e boa. Mas este é um reino de humildade no qual não é o ornamento exterior do corpo, mas o adorno do espírito o que se busca e procura com grande zelo e diligência, com coração contrito e humilhado. (I:96a).

E tudo o que fizer, faça no nome e no temor do Senhor Jesus e não vos adorneis com ouro, prata, pérolas, nem cabelos trançados, nem com trajes custosos e vistosos, mas vistam-se da maneira que convém a homens e mulheres piedosos. (I:148).

30. Liberdade de Consciência.

Diga-me, leitor amado, se já leu em toda a tua vida nas Escrituras apostólicas ou ouviu que Cristo ou os apóstolos recorreram ao poder dos magistrados contra os que não queriam escutar a sua doutrina ou obedecer os seus ensinos. Sim, meu leitor, tenho a certeza de que onde quer que reine o regime de aplicar o anátema pela espada, não existe o verdadeiro conhecimento, Espírito, palavra e Igreja de Cristo. (II:71).

A fé é um dom de Deus, portanto não se pode impô-la a ninguém por meio de autoridades terrenas ou pela força. Tem que ser obtida unicamente mediante a pura doutrina da Santa Palavra e com a oração humilde e fervorosa, como um dom da graça do Espírito Santo. Além disso, não é a vontade do dono da casa que o joio seja arrancado antes que chegue o dia da colheita, como a parábola das Escrituras ensinam e demonstram com grande clareza. Se os nossos perseguidores são cristãos como pretendem, e acatam a Palavra de Deus, por quê então não guardam e praticam a palavra e mandamentos de Cristo? Por quê arrancam o joio antes do tempo? Como não temem

extirpar o bom trigo em vez do joio? Por quê tentam realizar o trabalho dos anjos, que no seu devido tempo atarão o joio em feixes e o lançarão nas chamas do fogo eterno? (I:199).

Digo além disso que se os governantes verdadeiramente conhecessem a Cristo e seu reino, creio que escolheriam a morte antes que usar o seu poder terreno e espada para dirimir assuntos espirituais que não estão submetidos a autoridade dos homens, mas exclusivamente a de Deus Todo-poderoso. Mas eles (os magistrados) são instruídos pelos seus teólogos para que arrastem, prendam, torturem e dêem a morte aos que não seguem as suas doutrinas, como infelizmente é comum ver em muitas cidades e países. (M104).

Governantes e juízes amados, se aceitardes de todo o coração as citadas Escrituras e com toda atenção meditardes nelas, observareis que a vossa função não é exclusivamente vossa, mas que é o serviço e função de Deus, e que corresponde a vós, humilhar-se diante da sua majestade, respeitar o seu grande e adorável nome, e desempenhar equitativa e honestamente as vossas funções. Além disso, não deveria tão inescrupulosamente com vosso poder terreno e temporário tentar intervir no que pertence a jurisdição e reino de Cristo, o Príncipe de todos os príncipes; não deveria julgar nem castigar com o vosso aço o que é reservado somente ao juízo do Altíssimo, a saber a fé e o que é concernente a ela, como também Lutero e outros sustentaram no princípio de sua obra, mas depois de ter conseguido uma posição exaltada, o esqueceram. (II:303).

Digam amados, aonde as Sagradas Escrituras ensinam que no reino e Igreja de Cristo, a consciência e a fé, que dependem unicamente da autoridade de Deus, devem ser regulados e regidos pela violência, tirania e espada das

magistraturas? Em que caso Cristo e seus apóstolos o fizeram, aconselharam ou ordenaram? Porque Cristo somente disse: “Acautelai-vos dos falsos profetas” e Paulo ordena que devemos esquivar-nos do herege depois de uma ou duas exortações. João disse que não devemos saudar nem receber em nossa casa aos transgressores, que não são portadores da doutrina de Cristo. Mas ele não disse: Abaixo com os hereges, acusai-os as autoridades, prendei-os, retirai-os das cidades e países, atirai-os no fogo e na água, como os Romanistas tem feito por muitos anos, e como ainda se encontra espalhado entre vós que pretendem ser dedicados a Palavra de Deus. (II:118).

Por outra lado, os príncipes altaneiros, carniais, mundanos, idólatras e tiranos, que não crêem em Deus (falo dos maus príncipes) publicam seus mandatos, decretos e leis como autoridades, não obstante, opõem-se muitos deles a Deus e a sua bendita Palavra, como se o Pai Todo-poderoso, o Criador de todas as coisas, que tem o céu e a terra em suas mãos e que governa tudo com a palavra de seu poder, lhes tivesse ordenado legislar, reger, e de acordo com seu próprio critério prescrever ordenanças, não somente no reinado temporário deste mundo perecível, mas também no retiro celestial de Nosso Senhor Jesus Cristo. Oh, não, amados, não! esta não é a vontade de Deus, mas que é abominação diante de seus olhos que um pobre mortal usurpe para si a sua autoridade. (II:238).

Creio, queridos irmãos, que demonstrei claramente que as desculpas dos tiranos, com as quais pretendem provar que as suas matanças tirânicas são justas e retas, somente é paganismo em princípio. (I:205).

31. Predestinação.

Zwínglio ensinou que a vontade de Deus movia o ladrão a roubar e ao criminoso a matar, e que seu castigo seria também executado pela vontade de Deus, coisa que, no meu conceito é uma abominação superior a todas as abominações. (II:394b).

O quê eu devo dizer, amado Senhor? Deverei dizer que Tu tens ordenado ao perverso delinquir como alguns tem dito? Longe esteja de mim tal coisa. Eu sei, oh Senhor, que Tu és bom e nada de mal pode achar-se em Ti. Nós somos a obra da Tua mão, criados em Cristo Jesus para boas obras e para que andemos nelas. Deixou a vida e a morte para a nossa escolha. Tu não quer a morte do pecador, mas que se arrependa e viva. Tu és a luz eterna e portanto odeia toda a treva. Tu não quer que ninguém pereça, mas que todos se arrependam, venham ao conhecimento da Tua verdade e sejam salvos. Oh querido Senhor, blasfemaram tão gravemente do Teu grande e inefável amor, da Tua misericórdia e majestade, que fizeram de Ti, o Deus de toda graça e Criador de todas as coisas, um verdadeiro demônio, afirmando que Tu é a causa de todo mal, TU, que é chamado de o Pai das luzes. Evidentemente nada mal pode ser proveniente do bom, nem luz das trevas, nem vida da morte; no entanto, seus teimosos corações e mentes carnisais são atribuídos a Tua vontade, de modo que podem continuar no caminho largo e ter uma desculpa para os seus pecados!. (I:221b).

32. Aperfeiçoamento.

Não acredite, leitor amado que falamos isto para jactar-nos de ser perfeitos e imaculados. De maneira alguma.

Não acreditamos e nem ensinamos que somos salvos por próprios méritos ou obras, como falsamente afirmam os nossos acusadores, mas por meio da graça de Cristo, como foi dito anteriormente. (II:262 seq.).

Porque ensinamos pela boca do Senhor que aquele que quer entrar na vida eterna, deve guardar os mandamentos. (Mateus 19:17; Marcos 10:19; João 15: 10); que em Cristo nem a circuncisão nem a incircuncisão valem, mas sim, guardar os mandamentos de Deus (1ªCoríntios 7:19) ; que este é o amor de Deus, que guardemos os seus mandamentos; e seus mandamentos não são pesados, (1ªJoão 5:3) ; por esta razão somos chamados pelos pregadores de assaltantes do céu e santarões, e falam que pretendemos salvar-nos por nossas boas obras, apesar que sempre confessamos e confessaremos pela eternidade, por Deus, que não seremos salvos senão unicamente pelos méritos, intercessão, morte e sangue de Cristo e não por outros meios no céu, nem sobre a terra, como plenamente temos demonstrado antes.

Desta forma estas pessoas perversas trocaram o excelente pelo péssimo. Não compreendem que a Escritura condena claramente aos dissolutos, soberbos, menosprezadores e transgressores da palavra de Deus, e que provam claramente com seus atos, que são alheios a graça salvadora de Deus, que não crêem em Jesus e que, de acordo com as Escrituras, estão em condenação, ira e morte. (João 3:36). (II:317).

Mas aqueles que dizem que somos hipócritas, e mentem dizendo que garantimos estar sem pecado, é porque ensinamos com as Escrituras uma vida que mostra os frutos de arrependimento; testemunhamos com S.Paulo que os devassos, adúlteros, bêbados, avarentos, mentirosos, iníquos, não herdarão o reino de Deus (1ªCoríntios 6:10; Gálatas 5:21; Efésios 5:5) que os

inclinados para a carnalidade, morrerão (Romanos 8:13) e afirmamos com João que aquele que peca (entenda-se de propósito ou de maneira impudica) é do diabo. (1ªJoão 3:8) e portanto, sentimos um profundo terror por tais coisas. Por isso, muitas vezes afirmamos com Moisés de palavra e por escrito e sustentemos sempre, que ninguém é inocente diante de Deus em razão da sua natureza inata (Gênesis 6:5, 8:21) e com Isaías, que todos somos como a sujeira. (Isaías 64:6), etc. (II:316).

33. Novas Revelações.

Por outra lado, não tenho visões ou revelações angélicas, nem as busco nem desejo, a fim de não ser enganado por elas. Porque a Palavra de Deus é suficiente para mim. Se não sigo o seu testemunho, então tudo está perdido. E ainda que tivesse tais revelações, que não é o caso, não poderiam desviar-me da Palavra e do Espírito de Cristo, ou do contrário, seriam unicamente alucinações, sedução e engano diabólicos. (II:248a).

PARTE 4

34. Educação Superior.

Leitor, não me interprete mal. Nunca na minha vida desprezei a instrução e o conhecimento de idiomas, mas que desde a minha juventude os tenho honrado e amado. Ainda que nunca os tenha adquirido, no entanto (graças a Deus) não estou tão privado de sentido como para desprezar ou ridicularizar o conhecimento dos idiomas pelos quais chegou até nós a divina palavra da graça. Desejaria de todo coração que eu e todos os piedosos

possuíssemos tais conhecimentos, e que todos, com verdadeira humildade os usássemos corretamente para o louvor de nosso Deus e no serviço de nosso próximo, no puro temor de Deus. (II:145b).

35. Anti Ocultamento.

Da mesma forma que desde o princípio de nosso ministério temos estado dispostos e ansiosos de dar uma explicação da nossa fé a quantos a pedirem de boa fé, seja governantes ou cidadãos, instruídos ou não, ricos ou pobres, homem ou mulher. Ainda hoje estamos dispostos a fazê-lo na medida do possível, visto que não nos envergonhamos do glorioso Evangelho de Cristo. Se alguém deseja ouvir algo de nós, estamos dispostos a ensinar-lhe; se alguém deseja conhecer nossos princípios, é o desejo do nosso coração, se não bastaram os nossos escritos, explicar-lhes claramente. Porque faremos o maior empenho para que a verdade seja trazida a luz. Mas não permitimos de maneira alguma que o extermínio sanguinário do Anticristo seja tentado, pois isso é coisa do diabo, e incompatível com um cristão. (II:321b).

36. Atitude para com outras Denominações.

Leitor meu, entenda-me bem. Não discutimos a respeito de que Deus tenha ou não os seus eleitos entre as Igrejas anteriormente citadas (as igrejas perseguidoras do Estado) mas que o deixamos livre agora e para sempre ao reto juízo de Deus... mas o assunto em questão é com que espírito, doutrina, sacramentos, ordenanças e vida, Cristo ordenou formar para Si uma Igreja permanente e mantê-la em seus caminhos. (II:94).

37. Exemplos de consagração ao serviço do Senhor.

Sim, querido leitor, a verdadeira fé Cristã como as Escrituras a requerem, é tão viva, ativa e poderosa para todos aqueles que mediante a graça do Senhor a receberam em seu coração, que não hesitam em deixar pai e mãe, mulher e filhos, dinheiro e posses pela palavra e testemunho do Senhor; estão dispostos a sofrer escárnio e desprezos, privações e perigos, e finalmente a que seus miseráveis e fracos corpos, tão resistentes ao sofrimento, sejam queimados na fogueira, como tem sido observado especialmente nestes Países Baixos, para exemplo de muitos e fiel testemunho de Jesus. Quantos, ai! que conheci em tempos passados, e conheço a maior parte deles agora, homens e mulheres, rapazes e donzelas, (queira Deus que cresçam para a sua glória e para a

salvação do mundo, de muitos milhares e milhares) que desde o mais profundo das suas almas procuram a Cristo e a sua palavra, levam (dentro de sua imperfeição) uma vida piedosa e irrepreensível diante de Deus e dos homens; são sinceros e puros de doutrina, irrepreensíveis, como foi dito, em suas vidas, cheios do temor e amor de Deus, atenciosos para todos, misericordiosos, compassivos, humildes, sóbrios, castos, não rebeldes e sediciosos, mas tranqüilos e pacíficos, obedientes ao governo, em tudo o que não seja contrário a Deus; apesar disso, por anos não tem dormido em suas próprias camas, nem ainda hoje podem fazê-lo. Porque são tão odiados pelo mundo que são perseguidos sem misericórdia, são traídos, capturados, exilados e despojados de suas propriedades e vida como criminosos, assassinos ou malfeitores. E tudo isto pela única razão de temer a Deus verdadeiramente, não

concordar em participar da abominável vida camal nem da maldita e vergonhosa idolatria deste mundo cego. (I:158).

Visto que se provou com atos e em verdade que nossos fiéis irmãos e irmãs em Cristo, os amados companheiros em tribulação e no reino e paciência de nosso Senhor Jesus Cristo (Apocalipse 1:9) temem ao Senhor seu Deus tão sinceramente, que antes de pronunciar uma palavra falsa deliberada ou voluntariamente (negando que foram batizados) ou operar hipócritamente de forma contrária a Palavra de Deus (opondo-se aparentemente a suas próprias convicções diante da igreja dominante a fim de evitar a perseguição), dariam o seu bom nome, reputação, assim como o seu dinheiro, posses, corpos e tudo o humanamente desejável, como despojo aos sanguinários; portanto, deixaremos livre ao juízo de Vossas Excelências e Honorabilidades, determinar se estas pessoas são tão perniciosas e más como, infelizmente são chamadas por muitos, e geralmente conceituadas. (II:109).

Não considero que a minha vida seja melhor do que a que os amados homens de Deus, viveram. Não posso ser privado de nada, exceto deste perecível corpo mortal que algum dia há de morrer e retornar ao pó (mesmo que vivesse até a idade de Matusalém). Nem um cabelo cairá da minha cabeça sem a vontade

de meu Pai celestial. Se perder a vida por amor de Cristo e seu testemunho, e por causa do meu sincero amor pelo meu próximo (em cuja salvação estou empenhado) tenho a certeza que conseguirei a vida eterna. Portanto, não posso guardar a verdade para mim mesmo, mas devo dar testemunho dela e ensiná-la sem hipocrisia e em verdadeiro temor de Deus, aos meus amados Senhores. (I:78b).

38. Trabalhando sob Dificuldades.

Aquele que me comprou com o sangue do seu amor, e me chamou sem ser digno para o seu serviço, me conhece e sabe que não busco posses terrenas nem vida fácil, mas somente a glória de Deus, minha salvação e a de muitas almas. Porque tanto eu como a minha fraca esposa e filhos temos suportado por volta de dezoito anos de ansiedade extrema, opressão, aflição, falta de um lar, perseguição, risco de vida e grande perigo em todo momento. Ah!, enquanto os ministros da igreja oficial repousam em leitos macios e cômodas almofadas, nós geralmente devemos ocultar-nos nos mais afastados esconderijos. Enquanto eles se entregavam indecorosamente aos banquetes de casamento e batismos, distraídos com flauta, tambor e alaúde, nós permanecíamos na expectativa de quando os cães ladravam, pois o guarda estava na porta. Enquanto eles são saudados como doutores, pregadores e mestres por todo o mundo, nós temos que ouvir eles nos chamarem de Anabatistas, pregadores ocultos, sedutores e hereges, e ser saudados em nome do diabo. Em fim, enquanto eles são largamente recompensados por seus serviços com grandes entradas e tranqüilidade, a nossa recompensa e porção deve ser o fogo, a espada e a morte.

Considere fiel leitor, no meio de quanta ansiedade, pobreza, opressão e perigo de morte desempenhei eu, um homem despojado, o serviço do meu Senhor até hoje, e espero, por meio da sua graça, continuar nele para a sua glória enquanto permanecer neste tabernáculo terrestre. O que eu e meus fiéis colaboradores temos procurado ou poderíamos ter perseguido nesta empresa árdua e perigosa, é evidente por nossas obras e frutos para todas as pessoas de boa vontade.

Em efeito, se chegou neste extremo (que Deus mude as coisas) que onde quatro ou cinco, dez ou vinte, se tem reunido no nome do Senhor, para falar da Palavra de Deus e para fazer a sua obra, no meio dos quais está Cristo, que temem a Deus com todo o seu coração e levam uma vida piedosa, irrepreensível diante do mundo, se são surpreendidos numa reunião, ou se há uma acusação contra eles, devem ser entregues para ser queimados na fogueira, ou afundados na água. Mas aqueles que se reúnem em nome de Babel ... em lugares públicos de má fama e nas malditas tabernas de bêbados; que vivem em franca ignominia e trabalham impiamente contra a Palavra de Deus, os tais vivem em plena liberdade e paz. (I:78b).

Em fim, leitor amado, que se o misericordioso Senhor no seu grande amor, não tivesse amenizado os corações de alguns governantes e magistrados e os tivesse deixado proceder de acordo com as instigações e pregações sanguinárias de seus teólogos, não teria sobrevivido nem uma pessoa piedosa. Mas mesmo sendo escassos, podem encontrar-se alguns que, deixando de ouvir as palavras e escritos de todos os teólogos, toleram aos exilados e por um tempo lhes mostram misericórdia; pelos quais louvaremos ao Deus altíssimo para sempre e por sua vez retribuiremos a nossa gratidão a tão bondosos e discretos governantes, com todo amor. (II:104b).

Quando era do mundo, falava e me comportava como o mundo e o mundo não me odiava. Naquilo que servi ao mundo, o mundo me recompensou. Todos falavam bem de mim, o mesmo que fizeram os seus pais com os falsos profetas. Mas agora que amo ao mundo com amor divino, procuro com todo o meu coração a sua salvação e bênção, lhe admoesto, instruo e repreendo com a Tua Santa Palavra e lhe mostro a Cristo Jesus crucificado, o mundo se converteu para mim numa pesada cruz e num fel de

amarguras. Tão grande é o seu ódio que não somente eu, mas todos aqueles que me mostraram amor, misericórdia e piedade em alguns lugares, devem enfrentar prisões e morte. Oh, Senhor bendito! Sou considerado por eles menos digno de clemência do que um ladrão e assassino declarados. (I:225b).

39. Perseguição.

Quantos piedosos filhos de Deus, pelo testemunho de Deus e por razões de consciência, tem sido despojados de seus lares e posses e confiscadas suas propriedades para encher os insaciáveis cofres do Imperador; quantos tem sido traídos, lançados fora de cidades e países, atados a estaca e torturados, enviando os pobres órfãos desnudos pelas ruas. Alguns deles tem sido pendurados, outros torturados com crueldade desumana e depois enforcados. Alguns assados e queimados vivos. Alguns tem sido mortos pela espada e entregues aos abutres para serem devorados; outros foram lançados aos peixes; os lares de alguns destruídos, outros atirados em lamaçais e a outros se lhes cortaram os pés; tenho visto a um destes últimos e tenho conversado com ele. Outros vagam daqui para lá na miséria, sem lar, em aflição, por montanhas e desertos, em grutas e covas da terra como disse S.Paulo. Devem fugir de uma cidade para outra, de um país para outro, com sua esposa e filhos. São odiados, ultrajados, caluniados, e denegridos por todos os homens; denunciados pelos teólogos e magistrados; tem sido privados de seu alimento, atirados fora no cruel inverno e apontados com o dedo do escárnio. Qualquer um que colaborava na perseguição dos pobres e oprimidos cristãos, pensava que fazia um serviço à Deus, como disse Jesus. (João 16:2). (I:196a). Se um ladrão é levado ao patíbulo, um criminoso

esquartejado no torno, ou qualquer outro malfeitor castigado com uma pena de morte inusitada, todo o mundo pergunta o que ele fez. A sentença não é dita enquanto os juízes não entenderem plenamente a causa e conhecerem a verdade no que se refere ao delito. Mas toda vez que um inocente e contrito cristão ao qual o Senhor na sua graça resgatou do caminho da perversidade e do pecado, e guiado pelos caminhos de paz, é acusado pelos sacerdotes e pregadores, e conduzidos diante dos tribunais, não o consideram digno de investigar detidamente que razões e Escrituras o impelem para não mais escutar a sacerdotes e pregadores ... Não desejam saber por que corrigiu a sua vida e recebeu o batismo de Cristo, ou qual pode ser o motivo pelo qual está disposto a sofrer e morrer pela sua fé. A única pergunta que lhe é feita é se foi batizado. Se a resposta for afirmativa, a sentença já está dada e tem que morrer. (I:149b).

Visto que é evidente que todo o mundo está tão hostilmente predisposto contra nós, mesmo que injustamente, ao extremo de não querer nem nos ver nem nos ouvir, e que muitas inocentes ovelhas do Senhor, mais do que um piedoso que sem ser mestre é levado para a degola aqui e ali, executado e assassinado sem clemência pela espada, fogo e água; e que a nós, míseros mestres, em nenhuma parte se nos concede muito mais do que uma pocilga para viver em liberdade, com o conhecimento e aprovação das autoridades, mas por meio de editos públicos somos julgados antes de ser presos e condenados antes de ser persuadido; sendo que tais condições não prevaleceram, que eu saiba, nos tempos dos apóstolos em nenhuma parte. Rogo a todos os meus leitores pelo amor de Deus, que considerem no temor do Senhor quão grande injustiça cometem conosco Gellius e seus seguidores com suas perversas e cruéis palavras, a saber: pregadores

noturnos, pregação clandestina, etc. quando não podemos proceder de outra maneira como é bem conhecido. . . Estamos dispostos em qualquer momento a prestar contas da nossa fé diante de qualquer um e a defender a verdade onde quer que se possa fazê-lo de boa fé, sem ardís ou tentativas contra nossas vidas. (II:11-13).

Por muitos anos temos proclamado a doutrina da Palavra divina nas comarcas alemãs com poder e clareza cada vez maiores, de modo que era palpável e evidente que se tratava da obra e dedo de Deus. Porque os orgulhosos tornam-se humildes, os ávaros tornam-se generosos, os bebedores tornam-se sóbrios, os impuros tornam-se honestos, etc. Porque a Palavra de Deus é aceita por eles com tanta firmeza que não hesitam em abandonar pai e mãe, esposo, mulher, filhos e posses por causa dela, e voluntariamente sofrer a morte.

Porque muitos são queimados na fogueira, muitos afogados, muitos executados com a espada, muitos, encarcerados, exilados e seus bens confiscados. No entanto, nada é válido diante dos inflexíveis perseguidores. Basta dizer, quando tem sido degolado um pobre inocente, um do rebanho do Senhor, que “é Anabatista” para que seja o suficiente. Não se verifica que provas ou base bíblica tem, de que natureza são a sua vida e a sua conduta, se ofendeu a alguém, ou não. Ninguém medita ou considera que tem que ser uma obra e poder especiais. . . para causar a um homem tanto sofrimento, vergonha e infâmia inacreditáveis, grande perseguição, miséria e até a morte, como podeis ver.

Ainda que infelizmente aqui devemos ser perseguidos, oprimidos, golpeados, saqueados, queimados, afogados, pelo Infernal Faraó e seus cruéis e desapiadados servos, no entanto, logo chegará o dia da nossa libertação, em que nos serão enxugadas todas as lágrimas e seremos

adornados com vestimentas brancas da justiça, junto ao Cordeiro, e com Abraão, Isaque e Jacó nos sentaremos no reino de Deus e possuiremos a deliciosa e prazerosa terra do gozo eterno e imperecível. Louvai ao Senhor e levantai a cabeça, vós os que sofreis por amor a Jesus; está próximo o dia em que ouvireis: “Vinde, benditos” e vos regozijareis com Ele para sempre. (I:122b).

40. Uma oração de Menno Simons.

Oh, Senhor! Estou certo que nem a vida nem a morte, nem anjos, nem principados, nem potestades, nem as coisas presentes, nem as coisas por vir, nem o alto, nem o baixo, nem nenhuma outra criatura nos separará do Teu amor que está em Cristo Jesus. Contudo, não me conheço a mim mesmo; toda a minha confiança está em Ti. Mesmo que tenha bebido um pouco do cálice até o fim. Porque quando se padecem prisões e cadeias, e quando a morte por água, fogo e aço ameaçam e então o ouro é separado da madeira, a prata da palha, as pérolas da folharada. Portanto, não me abandones, benigno Senhor; porque sei que podem desarraigar-se árvores de profundas raízes pela violência do furacão, e as altas e firmes montanhas partir-se em dois pela força do cataclisma. Por acaso Jó e Jeremias, verdadeiros exemplos de integridade, não titubearam no Teu caminho pela fraqueza da carne? Rogo, bendito Senhor, conforme a Tua fidelidade e graça, que não permitas que eu seja tentado mais do que sou capaz de suportar, para que a minha alma não seja envergonhada pela eternidade. Não rogo pelo meu corpo, eu sei que está sujeito a sofrimento e morte. Somente por isto Te rogo: não me abandones na hora da prova, mas providencie um meio de escape para a tentação. Livra-me de todas as

minhas angústias porque em Ti coloco a minha confiança.
(Meditação sobre o Salmo 25, 1539, fol. D i).

Oh Senhor! Oh amado Senhor! Não permita que Teu pobre e pequeno rebanho seja completamente devorado pelo furioso dragão; conceda-nos por Tua graça e paciência que possamos impor a espada de Tua boca e deixar uma semente permanente que guarde os Teus mandamentos, preserve o Teu testemunho e louve para sempre o Teu grande e glorioso nome. Amém, querido Senhor, Amém. (83a).

APÊNDICE I

Um pouco de história

Os crentes em Jesus Cristo tiveram que suportar durante os primeiros séculos de sua história, muitas perseguições, e o resultado de tão severas provas de fidelidade foi que houve pouquíssimos hereges no seio da igreja. Quando mais tarde, a igreja foi incorporada ao Estado, cessaram as perseguições e em conseqüência se inaugurou um período de decadência e corrupção religiosa. Houve, no entanto, indivíduos que jamais se uniram com a igreja do Estado, e outros que, encontrando-se nela, a abandonaram para procurar fora dela a fé e os

costumes puros do cristianismo primitivo. Entre estes houve agrupações conhecidas por diferentes nomes, como são os Cátaros, os Novacianos, os Albigenses, os Valdenses, os “Anabatistas”, e vários outros.

Ferozes perseguições armadas pela igreja Católica Romana mantiveram dispersos a estes fiéis cristãos; e durante os mil anos que precederam a reforma, se encontrava eclipsada a verdadeira igreja de Cristo.. Em meio século do despertar religioso iniciado a princípios do século dezesseis, ouviram-se as vozes de Krebel, Denck, Blaurock, Philips, Marpeck e outros pregadores do evangelho na sua primitiva pureza. Entre os mais notáveis convertidos e aderentes a fé se encontrava Menno Simons, holandês e sacerdote “católico romano”. Dotado de grande capacidade organizadora e escritor muito hábil e convincente, sendo que logo se reconheceu nele, não somente na sua pátria, mas em outros países, um digno e muito competente chefe e caudilho. Foi em virtude desta relação dele com os cristãos tão perseguidos que se deu

aos que seguiam aos seus ensinamentos o nome de Menonitas, nome que com a doutrina a ele associada, se difundiu por várias regiões da Europa. Em 1683, aceitando um convite a eles dirigido por Guillermo Penn, fundador da colônia de Pensilvânia, se estabeleceu um grupo de Menonitas em Germantown dentro dos limites desta colônia na América do Norte. Atualmente os seus correligionários encontram-se estabelecidos em quase todos os Estados e territórios dos Estados Unidos, em muitos lugares do Canadá e em vários países europeus.

É lamentável que se tenha produzido algumas dissidências entre os que formam o corpo da igreja, o qual unido ao fato, também lamentável, de que em certas épocas notou-se uma queda de entusiasmo e atividade em muitos membros da comunidade, sendo que isto tem retardado muito o seu crescimento. Atualmente pode-se notar um aumento interessante; os irmãos estão estreitando as fileiras, e Deus abençoa notavelmente a sua obra.

Os Menonitas contam hoje em sua agrupação principal, dezoito jurisdições chamadas conferências, que nos Estados Unidos, e Canadá se estendem desde o Atlântico até o Pacífico. Mantém obras missionárias e de beneficência em muitas cidades da América do Norte, ao passo que se dá impulso a uma florescente missão na Índia oriental; em 1917 foi inaugurada outra na República Argentina e outra em Tanganica, África, em 1934.

Queira Deus apressar a vinda do dia em que todas as partes componentes da Igreja de Cristo estreitem a sua união nos laços do amor fraternal para marchar com passo acelerado para a consumação da sua grande tarefa: a evangelização do mundo inteiro!

APÊNDICE II

Lista cronológica dos escritos de Menno Simons

Prova clara e simples contra a blasfêmia de João de Leiden.

A ressurreição espiritual.

Meditações sobre o Salmo 25.

O novo nascimento.

O fundamento.

Batismo Cristão.

Razão pela qual não paro de ensinar.

Da verdadeira fé Cristã.

Exortação benigna na disciplina.

Breve e clara Confissão, a João a'Lasco.

Clara explicação da excomunhão.

Confissão do Deus Trino.

Perguntas e respostas sobre disciplina.

Confissão referente a Justificação, etc.

Breve defesa a todos os Teólogos.

Humilde súplica a todos os magistrados.

Defesa e réplica referentes a falsas doutrinas.

A cruz de Cristo. Réplica a Gellíus Faber.

Confissão sobre a Encarnação de Cristo (Réplica a João a'Lasco).

Réplica a Martín Micrón.

Deveres para com as crianças.
Instrução sobre a excomunhão.
Resposta a Zylis e a Lemke.

Os textos bíblicos citados neste livro fazem parte de:
A Bíblia Sagrada - Tradução de João Ferreira de Almeida,
(ACF)
Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil - Copyright
© 1994,1995